

A close-up portrait of Sebastião Salgado, an elderly man with a bald head and light blue eyes, wearing a dark jacket over a light blue shirt. The background is a textured, greyish wall.

**SEBASTIÃO
SALGADO**

com Isabelle Francq

Da minha terra à Terra

PELA PRIMEIRA VEZ, O MAIOR FOTOJORNALISTA DO MUNDO CONTA SUA HISTÓRIA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

S E B A S T I Ã O
S A L G A D O
com Isabelle Francq
Da minha terra à Terra

Tradução
JULIA DA ROSA SIMÕES

**DA
RA
IG
IA**

Sumário

Apresentação, Isabelle Francq

1. Para começar: "Gênesis"
2. Minha terra natal
3. Na França e em nenhum outro lugar
4. O clique fotográfico
5. A África, meu outro Brasil
6. Jovem militante, jovem fotógrafo
7. A fotografia, meu modo de vida
8. "Outras Américas"
9. Imagens de um mundo em perigo
10. Da Magnum à Amazonas Images
11. "Trabalhadores"
12. O mundo das minas
13. "Êxodos"
14. A longa marcha moçambicana
15. Ruanda
16. A morte vista de perto
17. O Instituto Terra: uma utopia concretizada
18. De volta ao começo
19. E o homem em tudo isso?
20. O respeito às origens
21. Minha revolução digital

22. Seguindo os passos da rainha de Sabá

23. Um mundo em preto e branco

24. Com os nenetses

25. Minha tribo

Conclusão

Distinções honoríficas de Sebastião Salgado

Apresentação

Contemplar uma fotografia de Sebastião Salgado é ter uma experiência da dignidade humana. É compreender o que significa ser uma mulher, um homem, uma criança. Pois Sebastião nutre um profundo amor pelas pessoas que fotografa. Como explicar de outro modo o fato de elas se encontrarem tão presentes, vivas e confiantes em suas imagens? E como explicar o sentimento de fraternidade despertado naquele que as contempla? Há tempos seu trabalho me comove. Admiro a estética barroca de suas imagens, suas luzes sempre extraordinárias, a força que emana delas, mas também a ternura que manifestam e que desperta o melhor de mim mesma.

Os acasos da vida me fizeram ter a sorte de conhecer Sebastião e Lélia, sua esposa. O casal que formam me encanta, pois por trás do renome internacional de Sebastião há uma parceria de raro êxito. Uma história de amor e de trabalho em que cada um tem seu papel, seu lugar, e sabe tudo o que deve ao outro. Juntos, eles constituíram uma família, criaram uma agência — a Amazonas Images — e conceberam um projeto ambiental para reflorestar a Mata Atlântica brasileira — o Instituto Terra. A ele dedicam grande parte de seu tempo.

Percebi que, apesar das imagens de Sebastião terem dado a volta ao mundo, sua história pessoal, as raízes políticas, éticas e existenciais de seu engajamento fotográfico permaneciam ignoradas. Decidi preencher esse vazio e fazer a voz de Sebastião falar através de minha escrita jornalística. Ele teve a bondade de participar, às vésperas da apresentação de seu Projeto "Gênesis", de uma série de reportagens dedicadas aos lugares intocados do planeta. No intervalo entre voos e reportagens, entre a preparação de dois belos livros* e a abertura de exposições nos quatro cantos do mundo, ele sempre esteve disponível. Com uma gentileza e uma simplicidade comoventes, refez comigo seu percurso. Expôs suas convicções, revelou-me seus sentimentos. Foi um imenso prazer ouvi-lo. É seu talento de narrador que desejo compartilhar aqui, a autenticidade de um homem que sabe combinar militância e profissionalismo, talento e generosidade.

Isabelle Francq

* *Gênesis*. Taschen, 2013 (um na coleção "Fo" e outro na coleção "Sumo").

1. Para começar: “Gênesis”

Quem não gosta de esperar não pode ser fotógrafo. Em 2004 cheguei à ilha Isabela, em Galápagos, aos pés de um belíssimo vulcão chamado Alcedo. Deparei-me com uma tartaruga gigante, enorme, de no mínimo duzentos quilos, da espécie que deu nome ao arquipélago. Cada vez que me aproximava, a tartaruga se afastava. Ela não era rápida, mas eu não conseguia fotografá-la. Então refleti e pensei comigo mesmo: quando fotografo seres humanos, nunca chego de surpresa ou incógnito a um grupo, sempre me apresento. Depois me dirijo às pessoas, explico, converso e, aos poucos, nos conhecemos. Percebi que, da mesma forma, o único meio de conseguir fotografar aquela tartaruga seria conhecendo-a; eu precisava me adaptar a ela. Então me fiz tartaruga: fiquei agachado e comecei a caminhar na mesma altura que ela, com palmas e joelhos no chão. A tartaruga parou de fugir. E quando se deteve, fiz um movimento para trás. Ela avançou na minha direção, eu recuei. Esperei um momento e depois me aproximei, um pouco, devagar. A tartaruga deu mais um passo na minha direção e, imediatamente, dei mais alguns para trás. Então ela veio até mim e se deixou observar tranquilamente. Foi quando pude começar a fotografá-la. Levei um dia inteiro para me aproximar dessa tartaruga. Um dia inteiro para fazê-la compreender que eu respeitava seu território.

Produzi algumas histórias fotográficas ao longo de minha vida, sobre a nossa época e as transformações de nosso mundo. Sempre levei vários anos para concluí-las. Muitos dizem que os fotógrafos são caçadores de imagens. É verdade, somos como os caçadores que passam muito tempo à espreita da caça, esperando que ela decida sair de seu esconderijo. Fotografar é a mesma coisa: é preciso ter paciência para esperar o que vai acontecer. Pois algo vai acontecer, necessariamente. Na maioria dos casos, não há como acelerar os fatos. É preciso descobrir o prazer da paciência.

Antes de "Gênesis", eu havia fotografado uma única espécie: o homem. Para esse projeto que dediquei à natureza intocada, ao longo dos oito anos em que viajei pelo mundo, precisei aprender a trabalhar com outras espécies. Desde o primeiro dia da primeira reportagem, graças à tartaruga gigante, compreendi que para fotografar um animal é preciso amá-lo, sentir prazer em contemplar sua beleza, seus contornos. É preciso respeitá-lo, preservar seu espaço e seu conforto ao se aproximar, observá-lo e fotografá-lo. Partindo desse princípio, pude trabalhar com os outros animais da mesma forma como trabalho com os homens.

Para começar essa série, decidi seguir os passos de Darwin, de quem li *A viagem do Beagle*.^{*} Fiquei três meses em Galápagos, por onde o próprio Darwin havia passado, depois de dar a volta ao mundo, aperfeiçoando a teoria da evolução. Esse arquipélago formado por 48 ilhas e alguns rochedos é uma síntese do mundo. Nele podem ser encontradas espécies, como as tartarugas, que

vieram do continente sul-americano, a cerca de mil quilômetros de distância. Elas aportaram ali depois de vagarem pelo Pacífico sobre troncos de árvores desenraizados pelas chuvas. Só as tartarugas são onze espécies, presentes em certas ilhas do arquipélago, mas não em outras. Elas evoluíram de maneira diferente em cada ilha. Algumas apresentam o dorso completamente achatado, talvez por terem vivido sob pressão por centenas de anos. Outras têm o dorso abaulado. Vi tartarugas com pescoço com vinte centímetros de comprimento — ele pode chegar a um metro em outras, sem dúvida porque naquelas ilhas mais ou menos áridas, elas precisaram comer folhas em diferentes alturas para sobreviver. Ainda assim, todas pertencem à mesma espécie.

Como Darwin, também vi iguanas. No continente sul-americano, são animais terrestres. Em Galápagos, elas nadam, mergulham. Darwin compreendeu que a aridez do meio as havia obrigado a aprender a nadar. Mas são animais de sangue frio, quando ficam por tempo demais em meio a baixas temperaturas, esfriam e morrem. Muitas possivelmente morreram ao chegar, ao se atirarem na água para beber. Aos poucos, aprenderam a sair a tempo para se reaquecer ao sol. Também aprenderam a beber a água do mar e desenvolveram uma pequena glândula acima do nariz, pela qual expelem o sal da água. Darwin viu tudo isso, e eu depois dele — e tenho certeza de que algumas das tartarugas que vi, verdadeiras “autoridades”, também foram vistas por ele, pois são animais que vivem cerca de duzentos anos.

Nessa viagem, entendi uma coisa que depois me foi útil ao longo de todo o Projeto “Gênesis”: cada espécie tem sua própria racionalidade. O importante é dedicar tempo suficiente para compreendê-la. Em Galápagos, poucos animais são temerosos, pois

nunca foram perseguidos pelo homem. Não têm motivo algum para temê-lo. As tartarugas, porém, não esqueceram que nos séculos XVIII e XIX eram caçadas pelas tripulações dos navios que, a caminho do Novo Mundo ou de regresso à Europa, faziam escala no arquipélago. Como as tartarugas são animais que podem ficar vários meses sem beber ou comer, os marinheiros garantiam um carregamento de carne fresca levando-as vivas para os porões dos navios. É por isso que, dois séculos depois, continua sendo tão difícil aproximar-se delas. Não foi um acaso eu ter levado um dia inteiro para ser aceito por aquela que fotografei. Suas tentativas de fuga nada tinham de irracional, pelo contrário, eram a prova de uma prudência totalmente justificada. As espécies carregam em seus genes, por várias gerações, o perigo que os predadores representam. E o único predador dessas tartarugas gigantes é o homem; os falcões e outros pássaros de rapina capturam e comem os filhotes, mas os adultos não são ameaçados por eles.

À sua maneira, as patolas-de-pés-azuis, grandes pássaros marinhos que também vivem em Galápagos, têm um comportamento muito mais sutil do que se poderia imaginar. Chegamos à ponta Vicente Roca da ilha Isabela na estação de acasalamento. Foi incrível. Fiquei dois ou três dias junto a um bando e observei esses pássaros de perto. Quem escolhe é a fêmea. Quatro ou cinco machos se apresentam a ela, um após o outro, se exibem, abrem as asas, dançam. Quando ela decide seguir um deles, eles alçam voo juntos, dão uma volta de dez, quinze minutos, e pousam. Outro chega, se apresenta, se exhibe, a fêmea alça voo com ele. E assim por diante. O rodízio dura cerca de duas horas, ao fim das quais a fêmea finalmente escolhe um dos pretendentes. Este

e nenhum outro será seu companheiro naquela estação, e com ele terá filhotes.

A estação de acasalamento cai em outro período para os albatrozes. Quando cheguei, os jovens estavam tendo suas últimas lições de voo. São belos pássaros que voam bem, mas pousam mal e decolam com dificuldade. Precisam de uma pista, correm, correm, correm... e às vezes não conseguem alçar voo. É tão engraçado! Para meu grande espanto, porém, também descobri que os albatrozes são fiéis: escolhem uma companheira e a mantêm pelo resto da vida. Um dia, vi um macho fazer sua dança para uma fêmea. Ele girou para um lado e para o outro, abriu as asas, e então ela começou a girar também. Eles se tocaram com a ponta das asas, o bico, e, de repente, o macho fugiu. Meu guia explicou: "Acabou de descobrir que estava enganado, não é sua namorada!". Cenas desse tipo, em princípio inacreditáveis, podem ser vistas quando dedicamos certo tempo para contemplar os animais. Foi isso que descobri ao iniciar "Gênesis" em Galápagos — e que não parei de experimentar ao longo de todas as reportagens subsequentes. Que nunca mais venham me dizer que os animais são seres sem cérebro e sem lógica.

Não realizei essas reportagens à maneira de um zoólogo ou de um jornalista, realizei-as para mim mesmo. Para descobrir o planeta. E delas obtive um prazer imenso. Com seus minerais, seus vegetais, seus animais, nosso planeta está vivo em todos os níveis. Compreendi que isso exige de nossa parte um respeito enorme.

"Gênesis" nasceu do projeto ambiental que concebi no Brasil ao lado de Lélia Deluiz Wanick Salgado, minha esposa, minha

companheira e minha sócia em tudo na vida. Esse projeto, chamado Instituto Terra, visa reflorestar a Mata Atlântica, que começou a ser destruída com a chegada dos portugueses, em 1500, e teve esse processo acelerado pela agricultura intensiva, pela urbanização e, finalmente, pela industrialização. Hoje, restam apenas 7% de sua área original. Demos início a uma reconstituição ecossistêmica da terra de minha infância. Uma terra que meus pais me legaram nos anos 1990. Uma terra que o desmatamento tornou feia e pobre, apesar de eu sempre ter tido a sensação de ter crescido no paraíso.

* *A viagem do Beagle* [The Voyage of the Beagle] é o título comumente atribuído ao livro *Diário e anotações* [Journal and Remarks], de Charles Darwin, publicado em 1839, e que o tornou conhecido.

2. Minha terra natal

Nasci em 1944, no estado de Minas Gerais, em uma fazenda situada dentro de um grande vale, o chamado Vale do Rio Doce, que leva o nome do rio que o irriga. É um vale do tamanho de Portugal, célebre por suas minas de ouro e ferro. Quando era criança, a Mata Atlântica cobria metade desse vale. Mas isso foi antes de o Brasil entrar numa economia de mercado e começar, como no resto do mundo, a devastar suas florestas. A fazenda de meu pai era grande e autossuficiente, nela viviam cerca de trinta famílias. Produzia-se arroz, milho, tomate, batata, batata-doce, frutas, um pouco de leite, porcos e carne de gado. Era uma boa fazenda. Meu pai era o proprietário e tinha empregados, que possuíam seus próprios animais e cultivavam um pedaço de terra para alimentar suas famílias. Uma parte do trabalho deles ia para o meu pai, o resto ficava com eles. Ninguém era rico, ninguém era pobre, essa forma de exploração agrícola existia no Brasil desde o século XVI.

Tenho lembranças maravilhosas de menino. Eu brincava em grandes espaços abertos, havia água por toda parte. Nadava nos riachos, cheios de jacarés — que não atacam os homens, ao contrário do que se acredita. Eu tinha um cavalo, saía com ele pela manhã e só voltava à noite. A região é cheia de vales, eu galopava até o fim da fazenda, seu ponto mais alto, e, dali, olhava para o horizonte. Eu sonhava em ver mais longe, tentava imaginar o que haveria depois. Estávamos ligados ao resto do Brasil por uma

estrada de ferro da Companhia Vale do Rio Doce. Às vezes, a estação das chuvas provocava deslizamentos de terra e ficávamos isolados por um mês. Mas éramos autossuficientes, não nos faltava nada. Minha infância ainda é, para mim, um período fabuloso. Continuo nutrindo um amor imenso por aquela terra.

Os projetos fotográficos que desenvolvo, sempre ao longo de vários anos e em diferentes locais do planeta, podem parecer de grande envergadura. Alguns dizem: Salgado é megalomaniíaco. Mas nasci num país imenso. Com seus 8 511 965 quilômetros quadrados, a superfície do Brasil é quinze vezes maior que a da França. Estou acostumado com grandes espaços e deslocamentos. Há muito tempo adquiri o hábito de dormir uma noite num lugar, depois, em outro. Quando era jovem, meus pais me deixavam visitar minhas irmãs mais velhas, que já eram casadas. Eu percorria sozinho distâncias equivalentes às de Paris-Moscú ou Paris-Lisboa. As comunicações não eram fáceis. Muito cedo precisei aprender a viajar. Além disso, levávamos 45 dias para conduzir os animais de meu pai até o abatedouro, que ficava a várias centenas de quilômetros, serpenteando por dentro de fazendas, florestas e rios.

Meu pai fazia esse trajeto a pé, com alguns companheiros. Ele levava de quinhentos a seiscentos porcos com uma pequena varinha, e permanecia na estrada por mais de cinquenta dias. Os homens tinham tempo para conversar, para olhar a paisagem. Essa lentidão é a mesma da fotografia. Pois apesar de o avião, o carro ou o trem nos levarem rapidamente de um ponto a outro do planeta, depois disso, no local de destino, no momento de fotografar, é preciso esperar o tempo necessário. Adaptar-se à velocidade dos seres humanos, dos animais, da vida. Mesmo que hoje nosso mundo

seja rápido, muito rápido, a vida, por sua vez, não segue a mesma escala. Para fazer fotos, é preciso respeitá-la.

Duas ou três vezes acompanhei essas longas transumâncias, mas a cavalo, seguindo milhares de bois. Não havia estradas, parávamos a cada vinte quilômetros nas chamadas "estações", pois os animais não aguentam mais do que isso. Todas as manhãs, quatro ou cinco mulas partiam antes de nós, transportando utensílios e tinas que, à noite, eram penduradas em galhos e formavam a cozinha. O jantar era leve, com queijos, que minha mãe sabia preparar muito bem, e alguns bolos. Mas às quatro horas da manhã, ao acordar, comíamos feijão tropeiro, prato tradicional à base de feijão e carne-seca, que se conserva muito bem em viagens. Era a principal refeição do dia. No trajeto, colhíamos bananas, laranjas.

Minha terra é muito bonita. Tem montanhas não tão altas, mas magníficas. Se um ser superior criou este mundo, foi ali que o terminou, pois ela é realmente linda, diferente de tudo o que vi em outras partes. É única. Foi onde aprendi a ver e a amar a luminosidade que me segue por toda a vida. Na estação das chuvas, quando tempestades fenomenais começam a se armar, o céu fica cheio de nuvens. Nasci com imagens de céus carregados atravessados por raios de luz. Essas luzes entraram em minhas imagens. De fato, vivi dentro delas antes de começar a produzi-las. Também cresci em meio à contraluz: quando era garoto, para proteger a pele clara, sempre me colocavam um chapéu na cabeça ou me instalavam embaixo de uma árvore. Na época, não existia protetor solar. E eu sempre via meu pai vindo até mim sob o sol, na contraluz. Essa luz e esses espaços, portanto, pertencem à minha história. Agora que vivo na França, quando vou aos Estados Unidos

ou à China, a distância me parece menor do que a da viagem de nossa fazenda até o abatedouro.

Aos quinze anos saí de Aimorés, a pequena cidade de 12 mil habitantes perto da fazenda de meu pai, onde eu ia à escola. Fui para Vitória, no Espírito Santo, para terminar o ensino médio. Lá, descobri outro planeta. Por exemplo: eu não conhecia o telefone, não existia na minha cidade. Ouvíamos apenas um rádio de ondas curtas, que parava de funcionar na estação das chuvas. Não havia como seguir as notícias de maneira contínua.

Faço parte da primeira geração que saiu do campo para estudar na cidade. Meu pai foi farmacêutico antes de ser fazendeiro, mas não seguiu sua formação. No início dos anos 1930, envolveu-se na revolução. Seu grupo político perdeu e ele se retirou com minha mãe, recomeçando a vida no interior de Minas. Antes de adquirir a fazenda, comprou uma dezena de mulas e se aventurou no transporte, principalmente de café. Das plantações até a estação ferroviária de Aimorés, levava doze dias de marcha, e suas mulas carregavam as sacas pelo meio da floresta: sempre os deslocamentos! O mesmo aconteceu com seu pai, meu avô, comerciante atacadista e aventureiro que adorava conhecer novos horizontes. Ele morreu de malária num lugar bem longe de casa, a dois ou três meses de distância — naquela época. A família ficou sabendo de sua morte dois ou três anos depois. Mas todas as pessoas de minha geração e do interior do Brasil têm histórias semelhantes para contar.

Em Vitória, morei com mais cinco ou seis jovens. Cada um gerenciava o orçamento coletivo por um mês. Foi assim que aprendi um pouco de gestão, ainda bem jovem. Precisei encontrar trabalho, pois apesar de meu pai ter uma grande fazenda, ele reinvestia

grande parte de sua produção e por isso não tinha muito dinheiro. Trabalhei como secretário da Aliança Francesa, na tesouraria. Mais uma vez, lidei com números. Meu pai sonhava que eu me tornasse um fazendeiro como ele, ou então advogado. Depois do ensino médio, entrei na faculdade de direito. Gostei da parte histórica, mas o resto não me interessou.

Naquele momento, a economia do país começava a mudar. As primeiras indústrias automobilísticas surgiram no fim dos anos 1950. Juscelino Kubitschek, o presidente que governou de 1956 a 1961, foi sem dúvida o “desenvolvimentista” mais dinâmico que o país conheceu. Construiu Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960. Com ele, o Brasil começou a despertar de um longo sono de quatrocentos anos. Tínhamos a sensação de viver num país novo. Como muitos jovens, eu queria fazer parte desse movimento. O direito me parecia tradicional, enquanto a economia representava a meus olhos o que havia de mais moderno. Naquela época foram criadas a Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e a Alalc (Associação Latino-Americana de Livre Comércio). As faculdades de economia abriam as portas e, assim, decidi me tornar economista: queria embarcar naquela aventura moderna.

Na Aliança Francesa, quando tinha vinte anos, me apaixonei por Lélia, uma estudante de dezessete anos do último ano do ensino médio. Nascida em Vitória, havia cursado dez anos de conservatório de piano. Aos dezessete anos, começava a trabalhar como professora numa escola primária e ao mesmo tempo dava aulas de piano. Ela era lindíssima. Faz mais de 45 anos que estamos casados e continuo achando Lélia igualmente linda. Depois que nos

conhecemos, passamos a compartilhar tudo. Juntos descobrimos a política, ainda bem jovens.

O grupo com o qual eu vivia seguia de perto a evolução da situação do país. Víamos os moradores do campo migrando para as cidades: a indústria precisava de mão de obra, e eles se mudavam com suas famílias. Vimos o surgimento das desigualdades sociais: até aquele momento, eu não tinha consciência delas. Vinha de um mundo que funcionava fora do sistema da economia de mercado. Não havia ricos nem pobres. Na fazenda de meu pai, todos tinham o suficiente para morar, comer, vestir-se e manter a própria família. Com o sistema industrial, a gente do campo descobriu nas cidades uma vida completamente diferente, e a maioria caiu na pobreza. Comecei a ter amigos militantes nos partidos de esquerda. Naquela época, o Partido Comunista era muito ativo. Alguns de nós militavam em associações como a Juventude Universitária Católica. Dessas instituições cristãs de esquerda nasceram partidos muito mais radicais, como a Ação Popular, à qual aderi. Esse grupo tinha afinidade com as ideias cubanas, e estava disposto a iniciar uma luta armada.

Quando entrei na faculdade, a economia era totalmente diferente do que é hoje, onde designa essencialmente a economia empresarial. Esta fazia parte de nosso programa, mas ele englobava sobretudo a economia política, a macroeconomia, o orçamento público. A macrocontabilidade me interessava muitíssimo. Eu queria trabalhar em projetos de longo prazo, sobre modelos econômicos em que, apesar de algumas variáveis serem controladas, pode-se tentar impulsionar um verdadeiro movimento da economia. A ideia de poupança em grande escala me interessava, e decidi prolongar meus estudos num mestrado na Universidade de São Paulo. Esse mestrado

acabara de ser criado, era o único no Brasil, e apenas vinte vagas haviam sido oferecidas. Tive grande sorte ao ser admitido e conseguir uma bolsa. Recebi meu diploma universitário em 15 de dezembro de 1967; Lélia e eu nos casamos no dia 16 e imediatamente nos mudamos para São Paulo, para que eu começasse o mestrado em janeiro. Eu tinha 23 anos, ela, vinte. Alguns de nossos professores vinham de universidades americanas, e fui aluno inclusive do ministro da Fazenda, bem como do presidente do Banco Central. O objetivo era preparar estudos para responder às necessidades — imensas — do país. Tive o privilégio de fazer parte desse grupo.

Em 31 de março de 1964, um golpe de Estado conduzido pelo marechal Castelo Branco derrubou o presidente João Goulart e, com ele, a República. Um regime militar foi instalado e perdurou até a eleição de Tancredo Neves, em 1985. Os militares justificaram o golpe de Estado, ocorrido alguns anos depois do alinhamento do regime cubano com a URSS, com a ameaça comunista. Houve, na população, um enorme movimento de contestação contra essa ditadura e contra todas as violações dos direitos humanos que ela cometeu. Um grande movimento de oposição também se erigiu contra a ingerência dos Estados Unidos na América Latina, já que o país interferia na política local sob o pretexto de manutenção da ordem, atuando por intermédio da CIA. O sentimento de revolta foi tal que nosso engajamento, o de Lélia e o meu, se radicalizou ainda mais. Participamos de todas as manifestações e de todas as ações de resistência à ditadura e estávamos, ao lado de nossos camaradas, ferozmente determinados a defender nossas ideias. Isso era muito perigoso, claro. Nosso grupo decidiu que os mais jovens, dos quais fazíamos parte, deviam ir para o exterior para se formar e continuar

agindo de lá, enquanto os que tivessem mais maturidade entrariam para a clandestinidade.

Logo antes de nossa partida, no inverno de 1969, entre maio e julho, Lélia perdeu a mãe, levada por um câncer, e o pai, num incêndio. Quanto drama em nossa vida. No espaço de dois meses, ela se tornou órfã. Tinha pouco mais de vinte anos. Em agosto, deixamos nosso país. Quando embarcamos no navio, sabíamos que, se fôssemos identificados, seríamos atirados na prisão e torturados. Ainda lembro de nosso alívio quando deixamos o último porto, e o navio se afastou definitivamente da costa brasileira rumo à França.

3. Na França e em nenhum outro lugar

Conhecer a França representava algo fenomenal! A maioria dos franceses não sabe, mas os brasileiros adoram a França. Desde o fim do século XIX, todos os nossos intelectuais a visitavam, e a primeira constituição brasileira se inspirou nos princípios republicanos franceses. Todas as cidades brasileiras com mais de 100 mil habitantes tinham uma Aliança Francesa com um diretor francês. Começávamos o estudo da língua francesa junto com o de latim, desde o início do atual ensino médio. O aprendizado do inglês começava só dois anos depois. Em Vitória, como disse, eu era secretário da Aliança Francesa, dirigida por nossos eternos amigos Juju e Pierre Merigoux. Juju é de Juiz de Fora, e Pierre, de Limoges. Um mapa de Paris se estendia sob o vidro de minha mesa de trabalho. Quando cheguei à França, sabia exatamente onde ficava o boulevard Raspail, a rue de Rivoli e a place de la Bastille. Também foi na Aliança Francesa que conheci Lélia, que falava e escrevia perfeitamente em francês.

A França, para nós, era uma certeza: a pátria dos direitos humanos e da democracia. Representava a terceira opção entre o comunismo e os Estados Unidos. Admirávamos os comunistas, que eram as principais bases da esquerda, mas tínhamos dúvidas sobre certo obscurantismo que ele manifestava. Já nossa confiança para

com os americanos era nula: eles estavam na origem da repressão que nos oprimia. Nunca fizeram nenhuma aliança com qualquer coisa popular ou democrática. Continuavam contribuindo para manter no poder os mais poderosos e os detentores de armas. Para nós, a França era o país das ideias democráticas, mas também econômicas — ela contava, na época, com excelentes economistas. Oficialmente, eu chegava para ser aluno da Ensaie, a Escola Nacional de Estatística e Administração Econômica.

Chegamos a Paris em agosto de 1969. Achamos tudo maravilhoso: os dias que não acabavam, as manhãs que começavam muito cedo. Mas veio o outono, a luz declinou e, em dezembro, Lélia e eu beirávamos a depressão. Sentíamos uma falta terrível de nosso país. Sabíamos que não podíamos voltar, que estávamos envolvidos demais nos movimentos de oposição. Éramos muito jovens e foi muito difícil.

Na França, Lélia não tocou em nenhum piano por vários anos. Agora, voltou a tocar, mas somente para nós. A morte de seus pais e a nossa partida do Brasil foram uma ruptura tão grande, uma dor tão grande, que ela tomou a decisão de mudar de vida. Assim, chegando a Paris, inscreveu-se na Escola de Belas-Artes, para o curso de arquitetura, enquanto eu começava um doutorado. Não tínhamos bolsa. Morávamos num quarto da Cité Universitaire e, paralelamente a nossos estudos, começamos a trabalhar. Eu descarregava caminhões na cooperativa da Cité Universitaire. Lélia trabalhava na biblioteca. Tínhamos chegado com um pouco de dinheiro, 2 mil dólares, com os quais imediatamente compramos um carro, um 2cv. Conhecíamos Paris, ao menos na teoria, por meio de todas as nossas leituras, havia muitos anos. Mas queríamos visitar o resto do país. Achamos toda a França muito bonita, a Alsácia, os

Pirineus, a Provence... A área do Brasil é quinze vezes maior que a da França, mas a França é quinze vezes mais diversificada. Pouco a pouco, ela foi se tornando nosso país. Como o Brasil.

Foi na França que descobrimos o significado da palavra solidariedade e, depois que a aprendemos, não a esquecemos nunca mais. Nós nos aproximamos dos brasileiros que chegavam completamente destroçados pela ditadura. Muitos tinham sido torturados. As organizações de esquerda conseguiam ajudar alguns a sair pela Argentina e pelo Uruguai, mas eles chegavam física e mentalmente arrasados. A fim de recolher fundos para esses refugiados, fazíamos com nosso 2CV passeios pela França nos fins de semana. Aos sábados, íamos com colegas militantes brasileiros a Verdun, Metz etc. Fazíamos comida brasileira, Lélia cantava. A CGT (Confederação Geral do Trabalho), a CFDT (Confederação Francesa Democrática do Trabalho), o Partido Comunista, o PSU (Partido Socialista Unificado), todos os movimentos de esquerda nos ajudavam, assim como os movimentos cristãos: o CCFD (Comitê Católico contra a Fome e para o Desenvolvimento) e a Cimade (Comitê Intermovimentos de Refugiados). Ou seja, nós, que havíamos chegado sem conhecer ninguém, além de não estarmos isolados, vivíamos dentro de uma estreita rede de solidariedade, em que reinava um verdadeiro senso de compartilhamento e de ajuda mútua, tanto no plano material quanto no moral. Tínhamos saudades da nossa terra, mas nos sentíamos acolhidos e, de nossa parte, tentávamos ajudar os recém-chegados. Aquela época também foi de repressão em Portugal. Sentíamos que os movimentos de contestação à ditadura salazarista nos diziam respeito, sobretudo porque, como brasileiros, éramos próximos dos portugueses. Mas

também nos sentíamos solidários com os poloneses, angolanos, guatemaltecos, chilenos, com todos os emigrados e clandestinos.

Hoje temos provas de que, quando chegamos à França, fomos espionados. Os arquivos brasileiros, recentemente abertos, nos revelaram documentos do SNI (Serviço Nacional de Informações) a nosso respeito. Descobrimos que, na época, toda a nossa vida havia sido devassada. Pessoas que considerávamos amigas, que frequentavam a nossa casa, nos denunciaram. O interior de nossa casa aparece descrito nesses papéis, inclusive com o detalhe de que tínhamos um vaso de flores em determinado local do apartamento... Está tudo ali. Até mesmo o nome do diretor da agência Gamma, na qual trabalhei por certo tempo depois de decidir ser fotógrafo, Jean Monteux, que me ajudou quando o governo brasileiro se recusou a renovar meu passaporte, em 1976. Ele me acompanhara ao consulado para apoiar meu pedido: eu precisava de um passaporte para fazer minhas reportagens no exterior. Nos arquivos, encontramos indícios de um pedido de investigação do serviço secreto brasileiro sobre ele, como se a Gamma fosse um centro de subversão pelo fato de Jean me apoiar. Assim funciona uma ditadura, a torpeza da ditadura. Acabei obtendo a nacionalidade francesa. Paralelamente, porém, junto com um amigo, Augusto Boal, diretor de teatro brasileiro refugiado em Portugal, que estava na mesma situação, abrimos um processo junto ao ministério de Relações Exteriores do Brasil. Isso porque é anticonstitucional negar o passaporte a um cidadão. Ganhamos — e isso criou um precedente. Depois de nós, todos os que estavam na mesma situação contrataram advogados e processaram o governo.

É uma alegria poder ver, hoje, que aqueles que foram perseguidos, torturados, espancados estão em cargos de poder no

Brasil. Poder ver que a esquerda é que possibilitou a renovação a partir do presidente Fernando Henrique Cardoso, antecessor de Lula. Que nossos colegas de luta se tornaram ministros. Que Lula, que participou da oposição e nunca saiu do Brasil, pois era proletário, e que foi perseguido e preso, tornou-se o maior presidente que o Brasil já teve. Foi ele que conseguiu integrar à classe média os 35 milhões de brasileiros que viviam abaixo do limiar da pobreza. E igualmente a presidenta Dilma Rousseff. Ela também foi presa, espancada, torturada. A ditadura que tanto sofrimento causou veio finalmente abaixo: era um regime sem futuro, como todas as ditaduras. Ao fazermos um balanço, aliás, podemos ver que nenhum desses regimes — fascismo, nazismo ou o comunismo desnaturado da União Soviética — resistiu. Como se houvesse uma ordem natural, algo maior que orientasse o real rumo a um fim mais nobre. Prova de que, mesmo com o desaparecimento de todos os conceitos, a justiça permanece.

4. O clique fotográfico

Graças à nossa rede de solidariedade, assim que chegamos a Paris fizemos muitos amigos. Na primavera de 1970, a família Houssay nos emprestou uma casa em Menthonnex-sous-Clermont, perto de Annecy, para eu me recuperar. Eu havia ficado doente, meus gânglios estavam enormes. Tememos, por certo tempo, que estivesse com um câncer, até que os médicos diagnosticaram minha doença: febre do feno. Eu de fato estava tendo meu primeiro encontro com a verdadeira primavera — o Brasil não conhece nada semelhante. Aproveitamos nossa estadia na Savoie para ir de carro a Genebra, onde podiam ser encontrados os melhores preços da Europa para materiais fotográficos: Lélia, na faculdade de arquitetura, precisava fotografar alguns prédios.

Ela escolheu uma Pentax Spotmatic II, com uma lente objetiva Takumar de 50 mm, f:1,4. Não sabíamos nada de fotografia, mas logo achamos aquilo fantástico. De volta a Menthonnex, fizemos nossas primeiras imagens; li as instruções e, três dias depois, voltamos a Genebra para comprar mais duas objetivas, uma de 24 mm e outra de 200 mm. Foi assim que a fotografia entrou em minha vida. Quando regressamos a Paris, montei um pequeno laboratório na Cité Universitaire.

Depois de alguns meses, larguei o trabalho nos armazéns da cooperativa e passei a fazer revelações para os estudantes, o que me gerava certa renda. Logo consegui minha primeira reportagem,

graças a Jorge Amado, que receberia um prêmio na Academia Francesa ao lado do escritor português Ferreira de Castro. Recebi mais algumas encomendas de pequenas reportagens. Pouco a pouco, comecei a acreditar que poderia tornar-me fotógrafo. Lélia e eu começamos então a sonhar em comprar uma Kombi Volkswagen, instalar nela um laboratório fotográfico e rodar pela África. Mas antes eu precisaria terminar o doutorado.

Ao terminar minha pós-graduação parisiense, em 1971, arranjei um cargo excelente em Londres, na Organização Internacional do Café, onde pretendia escrever minha tese de doutorado. Acabei nunca fazendo isso, apesar de ter tentado recuperar a razão, repetindo a mim mesmo: "Você precisa ser um economista sério, batalhou muito por isso, enquanto a fotografia...". Tornei-me um funcionário internacional e, de repente, comecei a ter uma vida muito boa. Compramos um carro esportivo, um esplêndido Triumph, e alugamos um belo apartamento ao lado do Hyde Park. Enquanto isso, Lélia mantinha o quarto na Cité Universitaire, em Paris, onde continuava os estudos. Nós nos encontrávamos em Londres depois de minhas missões na África. Eu viajava muitíssimo.

Minha missão consistia em organizar e financiar com o Banco Mundial e a FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura) projetos de desenvolvimento econômico na África. Eu era responsável por Ruanda, Burundi e Congo, e suplente por Uganda e Quênia. Participamos da introdução da cultura de chá em Ruanda. O objetivo era implantar uma diversificação agrícola nesse país produtor de café. A Organização Internacional do Café havia criado um fundo de investimento em que cada país produtor e cada país consumidor deveria depositar o equivalente a um dólar por saca de café produzida ou comprada. Esse dinheiro era utilizado em

estudos para o controle da produção de café, a fim de evitar que a oferta superasse a demanda e que a cotação desabasse. Lembro de minha primeira viagem à África, em 1971. Fiz um périplo de cinquenta dias entre o Burundi e Ruanda, de Fusca — na época, as estradas de Ruanda não eram asfaltadas —, com Joseph Munyankindi, diretor do Instituto das Culturas Industriais de Ruanda, que se tornaria um grande amigo.

Junto com as equipes do Banco Mundial e da FAO, identificamos locais suscetíveis de se tornarem grandes plantações de chá, na região do Kivu. Essas terras de extraordinária fertilidade ficavam a uma altitude perfeita. Instalamos a primeira unidade de produção de chá do país, então grande produtor de café. Eu havia feito uma análise de rentabilidade ao longo de trinta anos, um projeto de macroeconomia empregando 32 mil famílias que produziram em seu próprio pedaço de terra. Quando voltei àquela região, em 1991, para meu projeto fotográfico Trabalhadores, aquelas plantações tinham se tornado espetaculares. Na época, Ruanda produzia o melhor chá do mundo. Não era a maior produção, mas a melhor; um néctar muito procurado para enriquecer, com seus perfumes, as grandes produções da Ásia. Obtinha o preço mais alto na bolsa de Londres.

Graças a meu trabalho de economista, descobri a África. Nesse continente, reencontrei meu paraíso.

5. A África, meu outro Brasil

Descobrir Ruanda foi como reencontrar o Brasil. A África é nossa outra metade: observando o mapa-múndi, podemos ver que a África, a América Latina e a Antártica formavam um todo antes de se afastarem há 150 milhões de anos. Apesar da separação dos continentes, encontramos na África a mesma vegetação e os mesmos minerais da América do Sul. No plano cultural, os escravos originários de Moçambique, Guiné, Angola, Benin e Nigéria, levados ao Brasil pelos portugueses, marcaram profundamente a sociedade. Fragmentos da história e do folclore desses povos penetraram naquilo que se tornou a cultura brasileira. Por isso o peso da África é tão importante para nós, brasileiros. Além disso, desde menino eu sonhava em conhecê-la. Assim que cheguei a Ruanda, me senti em solo familiar: nossos modos de vida se assemelham, temos maneiras semelhantes de nos alimentar, de falar e de nos divertir. Voltei à África o máximo de vezes possível ao longo da vida. Minha história está totalmente ligada a esse continente.

Durante minhas viagens a Ruanda, Burundi, Zaire, Quênia e Uganda, percebi que as fotos que tirava me deixavam muito mais feliz do que os relatórios que precisava escrever ao voltar. Eu os redigia com seriedade, e aquele trabalho era sem dúvida apaixonante. Mas a fotografia... Recordo que, em Londres, Lélia e eu alugávamos um pequeno barco, aos domingos, e íamos para o meio do Serpentine, o pequeno lago artificial do Hyde Park. Deitávamos

dentro do barco e, ali, discutíamos por horas a fio meu desejo de trocar a economia pela fotografia. Eu estava sempre me perguntando se deveria fazer aquilo. Até o dia em que minha vontade foi mais forte. Decidi: “Vou largar a economia”. Estávamos em 1973, eu tinha 29 anos e escolhi, de comum acordo com Lélia, interromper minha promissora carreira para me tornar fotógrafo independente.

Adeus grande salário, belo apartamento, carro esportivo. Voltamos para Paris e alugamos uma *chambre de bonne* que fazia as vezes de laboratório durante o dia e de quarto de dormir à noite. Lélia estava preparando um mestrado em urbanismo; além disso, virava noites em escritórios de arquitetura para nos sustentar. Isto é, ajudava a concluir projetos. Era sempre muito puxado, ela nunca tinha hora para acabar. Paralelamente, ajudava a produzir um pequeno jornal de brasileiros em Paris. Foi onde aprendeu a trabalhar com diagramação, iconografia, editoração: tudo o que nos seria tão útil na publicação de nossos livros. Investimos todas as nossas economias em material fotográfico. Tínhamos um objetivo e, para alcançá-lo, não poupamos esforços. Lembro que não tínhamos chuveiro, mas tínhamos muitos amigos, então tomávamos banho na casa deles.

Nesse mesmo ano, viajamos para uma reportagem... na África, é claro! Lélia estava grávida de nosso primeiro filho, Juliano, e mesmo assim percorremos o Níger juntos. Era verão, o calor era terrível, mas podíamos sentir a África e adorávamos estar ali. Trabalhávamos com o CCFD — do qual nossos amigos Choly e Marcos Guerra, ela argentina e ele brasileiro, eram representantes no Níger — e a Cimade para fotografar a fome. Visitávamos os lugares onde essas associações tinham programas de combate à seca. Viajávamos nos

caminhões e aviões que transportavam alimentos. Foi difícil, vimos cenas muito fortes. Ao mesmo tempo, era apaixonante e sentíamos que nossas imagens seriam úteis. Éramos dois fotógrafos: nosso amigo Antonio Luiz Mendes Soares, outro jovem brasileiro, estava encarregado dos registros em cores e eu dos registros em preto e branco.

Quando voltamos do Níger, nos instalamos em Enghien-les-Bains, na bonita casa da família Bassé, grandes amigos que também haviam nos emprestado o dinheiro necessário para a reportagem no Níger. Nessa casa, revelamos os filmes e copiamos as fotos. E então adoeci. Ao fim da viagem, após semanas comendo mandioca, eu não havia resistido à vontade de comprar um pedaço de carne no mercado de Agadez. Devia estar contaminado, pois contraí toxoplasmose. Felizmente, graças a seu sexto sentido de mulher grávida, Lélia não provou a carne. Por isso foi ela quem visitou as revistas e vendeu as fotos — na época, ela também trabalhava no laboratório, revelava os filmes, fazia cópias; enfim, ela participava de tudo. Uma de minhas imagens agradou muito ao CCFD: uma mulher à contraluz, perto de uma árvore, levando um pote na cabeça. O CCFD decidiu fazer um pôster dessa foto e com ela ilustrar a campanha “La terre est à tous” [A terra é de todos]. Assim, minha fotografia foi afixada em todas as igrejas da França, em todas as casas paroquiais e em muitos centros da CFDT. Eu não sabia quanto cobrar. O CCFD me ajudou a fixar um preço, recebi uma grande quantia para a época, o suficiente para comprar um pequeno apartamento. Mas Lélia e eu preferimos investir esse dinheiro em equipamentos. Comprei todas as Leica* de que precisava, uma excelente secadora rotativa e um ampliador profissional que ainda utilizamos.

Não afirmo ser um especialista em África, mas adoro fotografá-la. Quando trabalhei para a agência Gamma, entre 1975 e 1979, sempre me voluntariava quando aparecia uma oportunidade de ir à África. Histórias a longo prazo me fascinavam mais do que acontecimentos pontuais. Na época, era possível ganhar bem a vida fazendo fotos de conselhos de ministros ou retratos de celebridades. Minha área não dava muito dinheiro: eu cobria acontecimentos cujas imagens eram publicadas uma única vez, quando ainda estavam na ordem do dia, e que depois eram guardadas em arquivos. Mesmo assim, meu trabalho contribuía para alimentar nossa pequena família — e me realizava. Com o passar do tempo, saí ganhando: foi graças às cerca de quarenta reportagens que realizei na África ao longo de trinta anos que pude publicar meu livro *África*, em 2007. E eu poderia publicar um segundo volume, tamanho o número de imagens que disponho desse continente. Sinto-me muito privilegiado de poder tê-lo visitado com tanta frequência ao longo de todos esses anos. Por fim, foram essas múltiplas viagens que trouxeram coerência a meu trabalho; foram oportunidades tanto de ver quanto de aprender, e que me permitiram, graças às minhas fotografias, mostrar evoluções nesses diferentes países.

Desde que descobri a fotografia, nunca mais parei de fotografar. A cada vez sinto um prazer enorme. Minha formação de economista me permitiu converter esse prazer instantâneo em projetos de longo prazo.

* Câmeras alemãs 24 x 36 mm, verdadeiros Rolls-Royce da fotografia.

6. Jovem militante, jovem fotógrafo

Quando me decidi pela fotografia, experimentei de tudo: nu, esporte, retrato. Um dia, sem saber como ou por que, caí no social. Na verdade, era natural que isso acontecesse. Eu havia pertencido à juventude do início da grande industrialização brasileira, muito preocupada com as questões sociais.

Logo depois de chegarmos à França, ainda estudante de economia, Lélia e eu pensamos em ir para a União Soviética aperfeiçoar nossa cultura de esquerda. Em 1970, fomos de 2CV até Praga para visitar um amigo do tio de Lélia — seu tio era um dos fundadores do Partido Comunista brasileiro. Esse amigo era membro do comitê central do partido e estava refugiado na Tchecoslováquia. Em Praga, ele nos disse: “Esqueçam a União Soviética. Aqui, acabou, a burocracia tomou o poder do povo. Se vocês querem militar, façam isso na França, com os imigrados”. Que baque! Apesar de não sermos filiados ao PC, ficamos abatidos ao ver aquele homem que vivia dentro do sistema e havia perdido a fé no comunismo internacional sobre o qual havíamos baseado a esperança de construir um Brasil melhor.

Decidimos ir a Leipzig, onde naquele momento estava sendo organizada uma reunião geral dos países comunistas. Saímos de Praga debaixo de neve, o que nos lembrou as estradas enlameadas

do Brasil. Em Leipzig, vimos a vitrine produtiva do mundo comunista, depois tentamos voltar a Praga. Chegando à fronteira, fomos proibidos de entrar pela segunda vez na Tchecoslováquia. Ficamos bloqueados entre dois países comunistas. As autoridades alemãs nos deram um visto para voltarmos a Leipzig, mas no caminho a neve nos deteve por vários dias. Finalmente conseguimos chegar a Karl-Marx-Stadt,* perto da fronteira leste, onde resolvemos procurar um hotel. Enquanto procurávamos, cruzamos com um policial. Dois minutos depois, nos vimos cercados por metralhadoras apontadas por sujeitos cheios de cicatrizes, de aparência assustadora. Eles nos perguntaram o que fazíamos havia quase uma semana na Alemanha comunista. Os interrogatórios se sucederam. Felizmente, Lélia acabou encontrando na bolsa uma nota do hotel que provava termos estado em Leipzig. Depois da verificação, os policiais nos intimaram a deixar o país antes das seis horas da manhã e antes da troca da guarda em Berlim, pois depois disso os próximos funcionários talvez não nos deixassem sair... Estávamos sem combustível, eles nos deram um galão de vinte litros de gasolina de presente, e nos ajudaram a chegar à fronteira o mais rápido possível. Lá, passamos por uma inspeção completa, com espelhos embaixo do carro e tudo mais. E voltamos ao ocidente. Mas experimentamos o que era o comunismo. Percebemos que o sistema que para nós representava certo romantismo era absolutamente desprovido de sensibilidade e simpatia, como nosso amigo em Praga nos havia dito, coisa que havíamos tido dificuldade de acreditar...

Quando me perguntam como cheguei à fotografia social, respondo: foi como um prolongamento de meu engajamento político

e de minhas origens. Vivíamos cercados por exilados que, como nós, haviam fugido das ditaduras da América do Sul, e também da Polônia, de Portugal, de Angola... Assim, foi natural começar a fotografar os emigrados, os clandestinos. Primeiro na França, depois em diferentes países da Europa. Como já disse, meu amor pela África me levou a dedicar-lhe minha primeira grande reportagem; não foram suas paisagens ou seu folclore que decidi retratar, mas a fome que assolava os africanos. Por isso comecei a trabalhar ao lado do CCFD e da Cimade.

Mesmo não sendo muito religiosos, nossa sensibilidade nos aproximava, Lélia e eu, do cristianismo social. Publiquei minhas primeiras reportagens nas revistas *Christiane* e *La Vie*. Na época, a imprensa cristã era chamada de "pequena imprensa", mas era maior que a "grande". *La Vie* tinha uma tiragem semanal de mais de 500 mil exemplares; *SOS*, a publicação mensal do Secours Catholique, para a qual trabalhei muito, tinha uma tiragem de mais de 1 milhão. Também trabalhei para a revista *Croissance des jeunes nations*, da Bayard Presse, e publiquei várias fotografias em revistas do grupo Fleurus. Todas essas publicações tinham tiragens enormes, pois havia uma França cristã militante. Aquele era meu mundo: os cristãos se engajavam ao lado dos exilados e dos países subdesenvolvidos. Ora, eu mesmo havia vindo de um país subdesenvolvido. Quando me tornei fotógrafo, procurei mostrar esse mundo explorado. Sua dignidade. Com o passar dos anos, trabalhei muitas vezes ao lado da Unicef, da organização Médicos Sem Fronteiras, da Cruz Vermelha, do UNHCR (ALTO COMISSARIADO DAS

NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS) etc. Desde então, mantenho-me ligado ao mundo humanitário.

Atuando para a Organização Internacional do Café, em Ruanda, vi homens trabalhando sem parar por doze horas por dia nas plantações, em pleno calor, com os pés descalços. Eles não tinham nenhuma seguridade social. O salário que recebiam não permitia que morassem adequadamente, que cuidassem da saúde e que proporcionassem educação aos filhos. Eles trabalhavam tanto ou mais que os operários europeus, mas sua produção era exportada a preços negativos. Era como se pagassem para consumir o café que eles mesmos produziam. Além disso, o conforto, a saúde e todas as necessidades básicas desses homens eram sacrificados. Eu tinha consciência dessa enorme injustiça. Lélia e eu constatamos que o mundo está dividido em duas partes: de um lado a liberdade para aqueles que têm tudo, do outro a privação de tudo para aqueles que não têm nada. E foi esse mundo digno e privado de quase tudo que eu decidi retratar, por meio de minhas fotografias, a uma sociedade europeia suficientemente alerta para ouvir um apelo.

Em minha formação, estudei essencialmente economia política, ou seja, sociologia quantificada. Também estudei história e as diferentes teorias econômicas — o que, no fim das contas, equivalia à filosofia e à história das ideias. Na Ensaie, também havia econometria (matemática aplicada à economia). No grupo de estudos sobre o marxismo ao qual Lélia e eu pertencíamos, seguimos os cursos de geopolítica do professor Anouar Abdel-Malek, da Universidade do Cairo, então exilado em Paris. Considero minha formação bastante completa. Quando desembarcava pela primeira vez num país, compreendia sua situação e sabia situar minha fotografia naquele contexto. Sempre fui capaz de colocar minhas

imagens dentro de uma visão histórica e sociológica. O que os escritores relatam com suas penas, eu relatava com minhas câmeras. A fotografia é para mim uma escrita. É uma paixão, pois amo a luz, mas é também uma linguagem. Poderosíssima. Quando comecei, não tinha limites. Queria andar por todos os lugares onde minha curiosidade me levasse, onde a beleza me comovesse. Mas também por todos os lugares onde houvesse injustiça social, para melhor descrevê-la.

Naquela época, fui admitido na maior escola de fotojornalismo, a agência Gamma, onde fiquei de 1975 a 1979, depois de ter passado um ano na Sygma. Na Gamma, reinava uma harmonia extraordinária. A maioria dos fotógrafos tinha chegado havia pouco. Existia um grupo mais experiente, pessoas que não eram necessariamente mais velhas, mas que, ao contrário de mim, eram fotógrafos havia muito tempo: Raymond Depardon, Marie-Laure de Decker, Hugues Vassal e Floris de Bonneville, um excelente redator-chefe. Eles não partilhavam de minha ligação com a esquerda, mas também tinham uma verdadeira visão de mundo: sabiam aonde ir e o que procurar. Era um prazer imenso trabalhar com Floris, que me ensinou os rudimentos do ofício. Chegávamos na agência pela manhã, o rádio estava sempre ligado, acompanhávamos o telex da agência France-Presse, da Associated Press, da Reuters... À medida que os malotes chegavam, as histórias nasciam. Como uma vez no caso de Bangladesh. Ao meio-dia, já tínhamos um esboço de reportagem. Às quatro da tarde, Floris me perguntou: "Sebastião, você se voluntaria?". Corri para casa, fiz a mala e, às dez da noite, embarquei num avião rumo a Daca. Nesse meio-tempo, a Gamma conseguira garantir a publicação da reportagem em diferentes revistas. Eu precisava acertar a mão.

Antes de partir, Floris sempre me entregava um dossiê de imprensa e, à luz de minha formação universitária, em pouco tempo eu tinha condições de fazer uma análise e saber sob qual aspecto abordar o país. Na maioria das vezes em que eu trabalhava para a *Paris Match*, o *Times*, a *Stern* ou a *Newsweek*, havia um correspondente ou intermediário no local. De todo modo, ao desembarcar eu dava um jeito de me encontrar com outros fotógrafos e jornalistas. Entrevistava o máximo de pessoas que conseguia. Na época, as coisas eram mais simples: o mundo estava basicamente dividido em dois blocos. Para começar a compreender uma situação, a primeira etapa consistia em situá-la no nexo geopolítico formado entre União Soviética e Estados Unidos — considerando os franceses um pequeno bloco à parte. Depois disso, eu começava a trabalhar e, à noite, voltava ao aeroporto, onde confiava meus rolos a outros passageiros. Sempre encontrei voluntários e nunca perdi um único filme. Eu avisava a Gamma por telex: descrevia minhas fotos e os passageiros que as transportariam, para facilitar a tarefa de nosso motoboy, que dava um jeito de estar na porta do avião para recuperá-las. Assim que chegavam à agência, eram reveladas e, no mesmo dia, distribuídas às revistas.

Se algo acontecesse em outra parte do mundo, eu ia direto para lá. Do Congo, voava para o Sudão ou para o Egito, por exemplo, antes de voltar a Paris. Para os que tinham a sorte de ser seus fotógrafos, a Gamma era uma verdadeira escola. Devo muito a Floris. Além disso, repito, meus estudos me deram ferramentas fantásticas para esse trabalho. E o gosto de ir a fundo nas coisas. Com o passar dos anos, acabei conhecendo bastante bem alguns países e pude compreender as engrenagens e perceber a

emergência de algumas questões inerentes a nosso mundo em mutação.

* A cidade de Karl-Marx-Stadt voltou a se chamar Chemnitz em 1990 e fica na região da Saxônia.

7. A fotografia, meu modo de vida

Para alguns, sou um fotojornalista. Não é verdade. Para outros, sou um militante. Tampouco. A única verdade é que a fotografia é minha vida. Todas as minhas fotos correspondem a momentos intensamente vividos por mim. Todas elas existem porque a vida, a minha vida, me levou até elas. Porque dentro de mim havia uma raiva que me levou àquele lugar. Às vezes fui guiado por uma ideologia, outras, simplesmente pela curiosidade ou pela vontade de estar em dado local. Minha fotografia não é nada objetiva. Como todos os fotógrafos, fotografo em função de mim mesmo, daquilo que me passa pela cabeça, daquilo que estou vivendo e pensando.

Todas as minhas fotos foram parar em periódicos: a imprensa é meu suporte fundamental, minha referência. Mas fotografar, para mim, vai muito além de publicar imagens. Num jornal, trabalha-se quatro, cinco dias, no máximo uma semana sobre algum assunto, principalmente nos dias de hoje. A meu ver, minhas imagens nunca estão prontas. O que me interessa é produzir relatos fotográficos decompostos em diferentes reportagens, distribuídas ao longo de vários anos. Trabalhar a fundo numa questão por cinco ou seis anos, e não borboletear de tema em tema, de um lugar a outro. A única maneira de contar uma história é voltar ao mesmo lugar repetidas vezes; é nessa dialética que se evolui. É assim que atuo há mais de quarenta anos. Isso trouxe certa coerência a meu trabalho. Também devo essa coerência a meu equilíbrio emocional, ao fato de ter

passado a vida toda ao lado da mulher que amo. Hoje, quando olho para trás, vejo uma harmonia entre o que sou, o que faço e de onde venho. Mas é claro que, na época, eu sabia apenas que estava vivendo intensamente.

No início, Lélia e eu não tínhamos muito dinheiro, não era fácil. Mas eu não sentia falta da carreira de economista à qual havia renunciado. Com o passar dos anos, isso não mudou, continuo amando profundamente a fotografia, o enquadramento da câmera. Além disso, a fotografia sempre me permitiu seguir o fluxo da história. Outra linguagem talvez um dia a substitua, mas, até lá, ela continuará proporcionando àqueles que a praticam momentos extraordinários. Uma vida privilegiada.

Os primos mais próximos dos fotógrafos são os arquitetos, descobri isso através dos estudos de Lélia. Como nós, eles navegam entre volumes e vazios; nas questões de luz, linhas e movimento; na busca de coerência entre seu próprio modo de vida, sua ideologia e sua história. E tudo isso acaba formando uma mesma coisa. Esta é a magia da arquitetura e da fotografia. Ao contrário do cinema e da televisão, a fotografia tem o poder de produzir imagens que não são planos contínuos, mas cortes de planos. São frações de segundos que contam histórias completas. Em minhas imagens, a vida de cada pessoa com quem cruzei é contada por seus olhos, suas expressões e por aquilo que ela está fazendo.

Para tirar boas fotos, é preciso sentir muito prazer. É impossível passar cinco anos de sua vida na África sem de fato gostar desse continente. Inútil obrigar-se a contemplar pessoas trabalhando se isso não o interessa. Para ficar vários meses dentro de uma mina, é

preciso ter uma motivação real. É preciso amar aquilo. Todos os que convivem com um fotógrafo sabem disso: a coisa mais maçante do mundo é acompanhá-lo. Ele pode passar horas a fio no mesmo lugar, os olhos cravados no visor. Adoro ficar assim, por horas, espreitando, enquadrando, trabalhando a fundo a luminosidade. Depois tudo acontece no laboratório. Trata-se de reconstituir minhas emoções numa linguagem que não é real — pois o preto e branco é uma abstração — por meio da gama de cinza do filme fotográfico. Antigamente, eu mesmo me dava esse prazer, sozinho no laboratório, mas hoje confio a revelação a Dominique Granier.

Antes de passar à fotografia digital, quando partia para longas reportagens, eu precisava esperar, às vezes vários meses, para revelar os filmes que trazia bem enrolados em caixas metálicas. Somente de volta a Paris podia verificar se a magia que havia sentido no local fora adequadamente gravada nos filmes. Se havia conseguido ou não capturar as imagens pelas quais esperara por tanto tempo, permanecendo vários dias junto a uma comunidade, participando de sua vida, tomando parte em suas atividades. Espreitando, às vezes por horas, plantado em algum lugar, à espera.

Colocando-se num estado de total integração com aquilo que o cerca, o fotógrafo sabe que assistirá a algo inesperado. Quando ele se funde com a paisagem, com o lugar, a construção da imagem acaba vindo à tona diante de seus olhos. Mas, para conseguir vê-la, ele precisa fazer parte do fenômeno. Todos os elementos começam então a atuar para ele. Nesse instante, quanto deslumbramento! Isso me lembra do trabalho que fiz para um livro encomendado pelo conselho da SNCF.* Eu me encontrava na Gare d'Aurillac, no Maciço Central, onde trabalhavam umas vinte pessoas. Estava com Antoine de Giaglis, um amigo da CGT, que em dado momento me disse:

“Veja, Sebastião, a estação inteira está trabalhando com sua máquina”. E era verdade. Cada um se dedicava à sua tarefa, mas era como se estivéssemos todos ligados e formássemos um grande teatro. Estávamos todos atuando na mesma peça, juntos. Fotografia é isso. Em dado momento, todos os elementos estão interligados: as pessoas, o vento, a árvore, o fundo, a luz.

Quando aciono a câmera, estou por inteiro nesse gesto. É mágico — e é um prazer solitário. Hoje estou velho, preciso de um assistente, de um companheiro de viagem. Mas por muito tempo viajei sozinho. Como na América Latina, onde vivi alguns meses nas montanhas, com os índios.

* Société nationale des chemins de fer Français [Sociedade Nacional de Ferrovias Francesas], empresa pública responsável pelo transporte ferroviário de passageiros e mercadorias na França. (N. T.)

8. “Outras Américas”

Como a África, a América do Sul ocupa um lugar importante em minha vida de fotógrafo e em minha vida como um todo. Quando eu falava dessa América, na Gamma, ninguém se interessava. Mas eu sentia que visitá-la era essencial para mim. Queria fotografar seus países, era uma maneira de me sentir mais próximo de minha cultura. As diversas regiões da América do Sul eram diferentes do Brasil, mas eu precisava senti-las. Desde pequeno, sempre ouvira falar das montanhas do Chile, da Bolívia, do Peru. Elas faziam parte de meu universo onírico. Eu precisava conhecê-las, vivê-las. Foi o que fiz — e voltei várias vezes entre 1977 e 1984. Também visitei o Equador, a Guatemala e o México. Em 1979, graças à Lei da Anistia, pude voltar ao Brasil e começar a fotografar meu país. Adorei trabalhar com as diferentes comunidades indígenas: com os trabalhadores do campo e da cidade, com os habitantes das montanhas e as minorias autóctones. Descobri o misticismo do sertão, o Nordeste do Brasil, com seus homens vestidos de couro, conheci sua luta para sobreviver em terras extremamente áridas. Também percorri a Sierra Madre, a cadeia de montanhas mexicana que se perde nas brumas... Esse trabalho durou sete anos, às vezes digo que durou sete séculos: ele me permitiu viajar por culturas em que o tempo transcorre no ritmo do passado.

Para me aproximar dessas diferentes populações indígenas, vários meses foram necessários, a cada vez, para montar o projeto,

preparar minhas reportagens e entrar em contato com as organizações que me levariam aos autóctones. A seguir, precisava chegar até essas comunidades. Depois do avião, pegava o ônibus junto com os índios. Por fim, precisava seguir a pé. Sempre levava vários dias para encontrar este ou aquele grupo nas montanhas. Chegando a meu destino, precisava esperar ser aceito, mesmo quando havia obtido autorizações prévias. Esses índios, homens de grande cultura, foram quase totalmente massacrados por nossa civilização ocidental. São desconfiados. Era preciso conversar muito, e depois viver com eles, se quisesse fotografá-los.

Eu ficava fora de casa por longos meses, sentia uma saudade enorme de Lélia. Pensava muito nela e em nosso filho Juliano, que era bem pequeno. Quantas vezes não chorei sozinho. Ao mesmo tempo, sentia um prazer incrível de estar em busca daquelas fotos. Não podia viajar para tão longe, fazer uma viagem tão cara e ficar apenas alguns dias. Apreendi muitas lições naquelas montanhas. Senti muito frio, pois a temperatura caía muito à noite — levei anos para comprar um bom saco de dormir! —, mas vi tanta beleza, descobri tantas riquezas culturais e espirituais que não me arrependo de nada.

As imagens que trouxe de lá não foram feitas unicamente por mim. Foi preciso que aquelas populações as autorizassem, as oferecessem a mim. O fato de estar sozinho também foi essencial. O ser humano é um animal gregário, quando desembarca sozinho em algum lugar logo é integrado pelos que ali vivem. Quando estava com frio, quando tinha fome, quando sentia falta de minha família, dividia o que sentia com meus anfitriões. Falava do meu filho pequeno crescendo longe de mim. Compartilhava com eles o essencial, assim como eles compartilhavam imagens comigo. Eles

me ofereceram suas fotos e eu as recebi. Para mim, elas estão impregnadas de uma verdadeira força. Quando olho para elas, revivo meu isolamento e também o reconforto que aqueles índios me proporcionaram. E quando as mostro, elas às vezes transmitem essa força. A da vida daquelas pessoas e do tempo que passamos juntos.

Quando voltei, esse trabalho que em princípio não interessava a ninguém recebeu o Prix de la Ville de Paris para a publicação de um livro. Foi assim que pude lançar *Outras Américas* com Claude Nori. Claude, que também é fotógrafo, é um editor fenomenal: fez livros maravilhosos com Robert Doisneau, Willy Ronis, Jeanloup Sieff... Pena ter parado por tanto tempo. Felizmente, agora está voltando à edição. O prêmio Ville de Paris permitiu a publicação de 49 fotos, mais a da capa. Foi o primeiro livro que Lélia concebeu, o primeiro que realizou. Nosso primeiro livro. Também montamos uma exposição em Paris, em 1986, na Maison de l'Amérique Latine, que depois viajou o mundo.

9. Imagens de um mundo em perigo

Em 1984, a Médicos Sem Fronteiras lançou uma grande campanha de assistência alimentar e médica às populações vítimas da seca que devastava o Sahel e matava de fome suas populações. Fiz com essa organização uma grande reportagem de dezoito meses no Mali, na Etiópia, no Chade e no Sudão: uma série de imagens mostrando grupos de refugiados da sede e da fome e, em certos casos, da guerra. Nelas veem-se multidões de expatriados afluindo para campos como o de Korem, na Etiópia, o maior que existia, onde se amontoavam 80 mil desterrados. Minhas fotos foram publicadas na imprensa internacional. O *Libération* seguiu a reportagem de perto, trabalhei diretamente com Christian Caujolle, na época redator-chefe de fotografia. Essa série de publicações contribuiu muito para a causa humanitária. Em 1985, recebi o prêmio World Press e o prêmio Oskar Barnack pelo trabalho. No ano seguinte, na França, Robert Delpire concebeu um livro editado pelo Centre National de la Photographie, intitulado *Sahel: O homem em pânico*. Em 1988, Lélia fez um segundo livro para a criação da Médicos Sem Fronteiras na Espanha, com o título *Sahel: O fim do caminho*.

Ao longo da vida, realizei inúmeras reportagens sobre refugiados e populações em dificuldade. Como em todos os meus relatos fotográficos, fui apresentado àquelas pessoas e comunidades por

instituições e organizações que trabalham com elas. Dediquei meu tempo a conhecê-las, a conversar com elas. Sempre fico de frente para as pessoas que fotografo. Não peço que posem, mas elas percebem claramente que as estou fotografando e tacitamente me autorizam a fazê-lo. Nenhuma foto, sozinha, pode mudar o que quer que seja na pobreza do mundo. No entanto, somadas a textos, a filmes e a toda a ação das organizações humanitárias e ambientais, minhas imagens fazem parte de um movimento mais amplo de denúncia da violência, da exclusão ou da problemática ecológica. Esses meios de informação contribuem para sensibilizar aqueles que as contemplam a respeito da capacidade que temos de mudar o destino da humanidade.

Não sou originário do hemisfério norte e não partilho do sentimento de culpa de alguns de meus colegas. Não fotografo a pobreza material para fazer os outros se sentirem culpados — a pobreza faz parte do mundo de onde venho. Depois que a esquerda tomou as rédeas, principalmente sob o impulso de Lula, o Brasil começou a se desenvolver. Quando eu era jovem, o Brasil era um país subdesenvolvido e, antes de ir embora, vi a pobreza crescer. E desde sempre considero injusta a maneira como as riquezas estão distribuídas entre o Norte e o Sul. É injusto repartir a riqueza com um único lado do planeta e nunca com o outro. Eu quis mostrar a fome na África aos habitantes dos países ricos para que eles tivessem consciência da principal consequência do desequilíbrio mundial. Pela mesma razão, quis dar voz aos sem-terra brasileiros.

Em 1979, quando pude voltar ao Brasil, a pobreza me saltou aos olhos. Durante a ditadura, de 1964 a 1984, grande parte dos pequenos proprietários rurais vendeu sua terra a “preços sedutores” — por conta da hiperinflação da época — a grandes empresas

agrícolas. Era como se tivessem sido expropriados, pois passaram a viver na precariedade. As primeiras fotos que tirei, ao voltar, mostram a situação desses camponeses, os boias-frias, que viviam à margem das imensas propriedades agrícolas criadas pela reunião de suas antigas terras. Por muito tempo, somente a Teologia da Libertação agiu naqueles locais. As comunidades de base e a Federação dos Trabalhadores na Agricultura possibilitaram que formassem um grupo de desfavorecidos. Constituíram uma voz de protesto àquela injustiça.

Em 1984, foi criado o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), que englobava 4,8 milhões de famílias camponesas. Segui suas reivindicações por quase quinze anos. O MST recenseou todas as terras improdutivas do país. Ocupando-as, tentava obrigar o governo a comprar aquelas propriedades para redistribuí-las aos camponeses desfavorecidos. Em 1996, no Paraná, vi 12 mil pessoas, ou cerca de 3200 famílias, ocuparem uma propriedade de 83 mil hectares, dos quais apenas 12 mil eram cultivados.

O MST agia legalmente e não lesava ninguém, ocupava apenas terras não cultivadas. A Constituição brasileira estipula a proibição da posse de terras improdutivas. O que não impediu os grandes proprietários de infringirem a lei: vários deles mandavam seus homens ou a polícia expulsar as famílias que ocupavam suas terras. Mesmo assim, graças ao MST, muitas dessas terras foram finalmente redistribuídas, na época, a cerca de 200 mil famílias. Passados quinze anos, percebi que minhas imagens contavam essa história. Lélia organizou então um livro, com texto de José Saramago, poemas de canções de Chico Buarque e minhas imagens. *Terra* foi lançado em 1996, um verdadeiro manifesto escrito a quatro mãos para o MST. Lélia também realizou a mais original das exposições, no

formato de 2 mil kits de cinquenta pôsteres fáceis de instalar. O objetivo era coletar fundos, mas também divulgar a história desses combatentes da terra. As exposições-vendas foram organizadas na América Latina, nos Estados Unidos, na Europa e na Ásia. Todos os rendimentos foram para o MST. Na França, na Itália e na Espanha, organizamos exposições itinerantes com a associação Frère des Hommes.

Cada uma de minhas fotos é uma escolha. Mesmo nas situações difíceis preciso querer estar presente e assumir essa presença. Aderindo ou não ao que está acontecendo, mas sempre sabendo por que estou ali. Seguir os sem-terra foi minha maneira de participar de seu movimento. Mostrar as imagens da fome na África, uma maneira de denunciá-la. Em toda parte, essas imagens suscitaram reações. A fotografia é uma escrita tão forte porque pode ser lida em todo o mundo sem tradução.

10. Da Magnum à Amazonas Images

Jean Gaumy, um de meus colegas na Gamma, passou para a agência Magnum em 1977. No ano seguinte, Raymond Depardon seguiu seus passos. Eu estava muito feliz na Gamma, onde tínhamos criado, ao lado de Hervé Tardy, um setor de revistas em que fazíamos um excelente trabalho. Em 1979, porém, apresentei um portfólio à Magnum e fui aceito. Na época, Lélia estava grávida de nosso segundo filho, Rodrigo.

Quando ele nasceu, alguns dias depois de minha entrada na Magnum, descobrimos que era portador da trissomia do cromossomo 21, mais conhecida como síndrome de Down. Com Rodrigo, enveredamos pelo mundo da deficiência, do qual ignorávamos tudo: foi preciso descobri-lo e familiarizar-se com ele, numa das grandes e dolorosas aventuras de nossa vida. Ela nos ensinou muito. Ri muito com Rodrigo, que era adorável e engraçado quando pequeno. Ele é uma fonte de afeto e doçura. Tenho certeza de que, sem ele, minhas fotografias teriam sido diferentes. Ele me levou a olhar para os rostos de outro modo, abordar os seres de maneira diferente.

Minha grande escola de fotografia havia sido a Gamma, mas a Magnum me possibilitou uma fantástica oportunidade de desenvolvimento. Lélia, por sua vez, depois de um mestrado em urbanismo, expandiu a galeria Magnum organizando exposições e adquirindo uma bela experiência. A *Geo* alemã encomendou meu

primeiro trabalho pela agência: uma reportagem na Guiana. Eu deveria entregar imagens em cores.

Sou conhecido por minha paixão pelo preto e branco, mas trabalhei bastante com cores no começo da carreira e mesmo no início de minha série intitulada Trabalhadores. Minha última reportagem em cores data de 1987, quando fotografei o aniversário de setenta anos da Revolução Russa, sob encomenda da revista *Life*. Propus uma reportagem em preto e branco, a redação aceitou. Jimmy Fox, o editor da Magnum, no entanto, me pediu também algumas imagens em cores para os arquivos da agência. De Moscou, enviei todos os meus filmes — em preto e branco e cores — diretamente para a *Life*, em Nova York. A revista revelou todos e, ignorando minha proposta inicial, publicou páginas duplas coloridas dos desfiles e fogos de artifício na Praça Vermelha. Foram minhas últimas fotos em cores publicadas.

Fiquei quinze anos na Magnum. Foi um período enriquecedor, mas também muito competitivo. Conheci fotógrafos magníficos, como Erich Hartmann, Henri Cartier-Bresson, Eric Lessing e George Rodger, entre outros, que se tornaram grandes amigos. Foi um grande prazer conviver com personalidades fortes, mas, por outro lado, assisti a brigas homéricas.

Quando cheguei à agência, já tinha meus próprios contatos com todas as grandes revistas. Foi por isso que o jornal *New York Times* me encomendou, em março de 1981, uma reportagem sobre os cem primeiros dias de Ronald Reagan — ele havia sido eleito em novembro de 1980. No dia 30 de março, em Washington, em plena luz do dia, o presidente dos Estados Unidos saía de seu hotel quando foi alvo de um atentado. Eu estava lá — e acionei minha câmera. Vi seis tiros de revólver serem disparados sobre o staff

presidencial. Reagan não foi atingido diretamente, mas uma bala ricocheteou no veículo presidencial e se alojou em seu peito. Ela foi extraída algumas horas depois numa sala de operação. Devo dizer que, de alguma forma, esse tiroteio foi muito interessante para mim e para a Magnum, que andava em dificuldades financeiras: todas as minhas fotos foram vendidas! Um pouco mais tarde, nesse mesmo dia, na frente da Casa Branca, encontrei um fotógrafo que também havia presenciado o atentado a Bob Kennedy. Era assim que ele se apresentava — e inclusive fizera uma inscrição a respeito em seu cartão de visitas. Pressenti o perigo: eu fotografara a África por anos, trabalhara a fundo na América Latina, mas corria o risco de tornar-me o fotógrafo do atentado a Reagan. Assim, Lélia e eu decidimos nunca mais deixar que aquelas imagens fossem publicadas. Mas preciso confessar: esse “furo” contribuiu muito para financiar minhas reportagens e meu trabalho pessoal à margem das encomendas, isto é, tudo o que realmente me apaixonava.

A Magnum contava com muitos fotógrafos e todos eles tinham diferentes maneiras de exercer o ofício. Às vésperas do século XXI, o mundo no qual a agência havia sido criada, em 1948, e o tipo de imprensa à qual havia pertencido não existiam mais: era preciso evoluir. Eu não era o único a fazer reportagens que não seguiam as notícias imediatas mas, sim, o curso do mundo, havia também Gilles Peress, Abbas Attar, James Nachtwey... Nossas fotos não se encaixavam à maneira de nossos colegas que trabalhavam para as revistas em cores ou para a publicidade e os relatórios anuais. Uma divisão em diferentes setores se impunha, a fim de responder às necessidades específicas dos fotógrafos, de melhor gerenciar seus arquivos e de melhor comercializar suas imagens. Propus à Magnum a criação de unidades de produção. Tenho certeza de que isso teria

permitido maior rentabilidade e coerência. Minha ideia não foi aceita. Levei dois anos para me decidir, mas acabei deixando a agência.

Quando saí, já havia publicado vários livros e minhas fotos tinham sido expostas em museus do mundo todo. Eu havia assinado contratos com a *Paris Match*, a *Life*, a *Stern* e o *El País* para lançar um novo projeto, intitulado Êxodos. Precisava de uma equipe. Como a Magnum se recusara a criar esse tipo de entidade, nós mesmos a inventamos, Lélia e eu.

No que se refere à comercialização das imagens, buscamos agentes em diferentes países do mundo. Vender nunca foi o nosso foco, mas sabíamos montar projetos que contavam histórias, sabíamos planejar e realizar reportagens. Lélia tinha experiência com exposições, desde a concepção até a cenografia; ela tinha produzido vários livros. Estávamos maduros e ela estava disposta a lançar e dirigir nossa própria estrutura. Foi assim que, em 1994, fundamos a Amazonas Images, no canal Saint-Martin, em Paris. Contratamos alguns funcionários e passamos a subcontratar alguns trabalhos em laboratórios externos.

11. “Trabalhadores”

Quando Lélia e eu imaginamos, em plena década de 1980, uma história intitulada “Trabalhadores”, queríamos prestar uma homenagem ao trabalho. Para entender por que, voltemos à economia. Todo produto resulta da combinação entre matéria-prima, capital e trabalho. Aprofundando essa análise, percebemos que, desses três fatores, o trabalho é o mais importante. Tomemos o caso dos índios da Amazônia, cuja vida se assemelha à nossa há 5 ou 10 mil anos. Eles sabem defumar o peixe. A defumação mais ou menos industrial dos peixes vendidos em supermercados deriva dessa atividade ancestral. A tecnologia permitiu a mecanização do trabalho manual, sem o qual ela não existiria. O dinheiro, por sua vez, materializa o trabalho humano transformado em propriedade do capital. Inegavelmente, o trabalho é a componente mais importante da produção. Concebi uma série de reportagens destinadas a aclamar o trabalho e os trabalhadores. Ao longo dos cinco anos em que me dediquei a ela, nenhuma pessoa se recusou a ser fotografada em sua atividade. Assim, mostrei um mundo produtivo em ação. Um mundo em vias de desaparecer.

Concentrei-me na produção em grande escala, onde o homem ainda era importante, pois estávamos vivendo o fim da grande Revolução Industrial. O impulso tecnológico, a descoberta da eletrônica e da robótica haviam começado a substituir a mão humana. Na indústria automobilística, por exemplo, havia muito

tempo cada elemento da linha de montagem vinha sendo manuseado por trabalhadores: mulheres ou homens aparafusavam as diferentes peças para que elas formassem um todo. Até que surgiram robôs aparafusadores para substituir o braço humano. Procurei compor a arqueologia visual dessa era industrial antes que ela fosse varrida para longe. Para tanto, visitei propriedades agrícolas industriais, fábricas e minas. Fui aos lugares onde é mais fácil ver o trabalho se somando à matéria-prima, lugares onde se vê o trabalho em série.

De 1986 a 1991, amparado por um grupo de redatores-chefes — principalmente Roger Théron, da revista *Paris Match*, e Alberto Anaut, do jornal *El País* — e pela agência Magnum, à qual ainda pertencia, realizei cerca de quarenta reportagens em 25 países. Pouquíssimas na Europa, pois nos anos 1980, da noite para o dia, várias indústrias europeias começaram a ser transferidas para a China, para o Brasil, para a Indonésia, para a Índia...: setores inteiros da indústria sumiram dessa parte do mapa, como aconteceu com a metalurgia na região de Lorraine. Foi uma época muito boa da minha vida, pois sempre que encontrava um homem trabalhando, via-o orgulhoso de produzir, de criar. Fiquei impressionado com a engenhosidade de nossa espécie, capaz de pegar um pedaço de aço, soldá-lo com outro e mais outro... até formar um barco, por exemplo. Um prodígio enorme, de incrível sofisticação. Antes de ser colocado na água, não passa de um amontoado de ferragens. Tocando a água, torna-se navio. Depois de equipado, pode partir... É inacreditável que um pedaço de ferro possa flutuar... E tudo isso, originalmente, decorre da invenção da primeira piroga posta na água. Trata-se da mesma técnica, da mesma proeza inicial. Um barco transporta produções diversas e variadas ou passageiros; ele

liga o mundo. Quando considerado velho demais, é levado para Bangladesh, ou para certos locais da Índia e do Paquistão que dispõem de poucos metais. É desmontado e volta a ser uma miríade de pedaços de ferro, que são transformados em facas, ferramentas agrícolas e objetos variados idênticos aos que o navio transportava pelos mares quando ainda navegava. As hélices feitas de bronze viram chaleiras, brincos, adornos nas roupas das mulheres de Bengala ornadas com joias magníficas. Antes, tinham dado a volta ao mundo, visitado o porto de Singapura, Nova York e o resto do planeta. É um processo muito sofisticado, de uma complexidade incrível. Ao observá-lo, pensei: "Faço parte de uma espécie extraordinária". Mas há o outro lado da moeda. Um barco nasce dentro de uma mina de carvão e de uma mina de ferro: o carvão e o ferro formam o aço, transformado nas chapas que formam o barco. A silicose que corrói os pulmões dos mineiros é a mesma que afeta os operários dos estaleiros navais. Os mesmos sintomas se manifestam em Bangladesh, nos *ship breaking yards*, estaleiros de desmantelamento de navios. Trata-se de uma doença que acompanha toda a cadeia industrial. Graças a Trabalhadores, pude acompanhar essa geopolítica da produção.

Constatei que, às vezes, onde se cria a vida, se prepara a morte. No Cazaquistão, as mesmas indústrias que produziam o fosfato utilizado como fertilizante agrícola também produziam o napalm, eficientíssima arma de guerra. Em Bangladesh, a partir da mesma técnica ancestral de tecelagem da juta, fabricavam-se sacos para cereais, além dos famosos sacos que, cheios de areia, são utilizados em trincheiras para proteger os combatentes: sob o impacto de um tiro, o saco de juta não rasga e torna a fechar o furo da bala com a pressão de seu conteúdo. Os canais do Brasil também

apresentam uma diversidade de produção: a partir da cana, pode obter-se açúcar ou etanol, combustível bem menos poluente que o petróleo. Em Cuba, visitando plantações de cana-de-açúcar, compreendi que não é o homem que faz a cana, mas a cana que faz o homem. Os trabalhadores dos canaviais dos dois países se parecem como duas gotas d'água: são idênticos na maneira de trabalhar, de se movimentar, de se vestir e até mesmo de se divertir.

Ainda em Cuba, a poucos quilômetros dos canaviais, conheci os trabalhadores dos campos de tabaco, que formavam um universo completamente diferente. Eles usavam toucas na cabeça para se aproximar das folhas que se tornariam charutos famosos e formariam grandes cepas à maneira dos prestigiosos vinhos franceses. Aqueles operários não tinham nada em comum com os da cana-de-açúcar, apesar de serem vizinhos; eram muito mais próximos dos trabalhadores vitícolas. De fato, é o produto que fabrica o homem. A delicadeza do manuseio do tabaco envolve práticas específicas. Durante o enrolamento das folhas, por exemplo, alguém contava histórias. Histórias de outros tempos, como da vida do rei Artur. Quando estive lá, ouvi narrarem a vida de Lênin, de Marx e outros relatos de revoluções políticas. Qualquer que fosse a história, tratava-se de ajudar os trabalhadores a se concentrar para que o resultado de seu trabalho fosse perfeito. Foi incrível assistir a esse sistema de produção.

Fiquei quarenta dias em La Réunion, a ilha dos perfumes. Ali aprendi como eram produzidas as essências de vetiver e de gerânio, vi como a baunilha era embalada. Eu saía de manhã com os "pequenos camponeses do alto" (habitantes da parte alta da ilha) e regressava com eles à noite. Vivia em meio a eles, nas aldeias. Alugava quartos dos moradores. Em qualquer lugar, em todos os

países e todos os setores de atividade, nunca me apressei. Passei vários dias com os pescadores de atum da Sicília, observando os gestos das camponesas do mar na Galícia, espreitando as mulheres que trabalhavam com o rosto totalmente coberto na construção do canal do Rajastão, seguindo os trabalhadores de petróleo no inferno de um poço no Kuwait. Passei horas conversando com uns e outros, tentando compreendê-los. Depois de certo tempo, eles se familiarizavam comigo e eu acabava quase fazendo parte da paisagem.

Ao longo dessas reportagens, qualquer que fosse o setor de atividade, sempre escolhi visitar grandes indústrias. Meu objetivo era contar o fim do mundo industrial que empregava homens em grandes quantidades, e no qual era relativamente simples penetrar. Consequentemente, fui para a China, em 1989, visitar grandes unidades de produção. Era a época dos protestos na Praça da Paz Celestial, em Pequim. Eu já estivera lá, portanto, era conhecido. Não encontrei empecilhos para fotografar naquele país, sem dúvida porque sou brasileiro: o Brasil nunca assustou os chineses, pois não entrava na lógica da Guerra Fria. Sempre obtive as autorizações necessárias, assim como para ir à União Soviética. Bastava chegar com bastante antecedência e entrar na lógica do sistema. Esperar a resposta a meu pedido de viagem no seio de toda uma burocracia em que ninguém ousa fazer uso de seu direito de veto se este não foi utilizado pelo primeiro funcionário que o recebeu.

Essa mesma série de reportagens me levou a um matadouro em Dakota, no sul dos Estados Unidos. Foi assustador: matavam-se mil porcos por hora e 2 mil vacas por dia! Os trabalhadores repetiam incansavelmente o mesmo gesto atroz, em ambientes sem janelas. O cheiro era insuportável. No primeiro dia, foi impossível tirar uma

única foto, eu não parava de vomitar. O espetáculo daquela produção industrial de salsicha me afastou para sempre dos cachorros-quentes. Os funcionários eram bem remunerados, mas este foi um dos trabalhos em série mais difíceis com que me deparei.

Em Java, num pequeno paraíso natural, vi homens percorrerem mais de cinquenta quilômetros a pé, ida e volta, cruzando plantações de arroz, de cravo-da-índia e uma floresta tropical antes de subirem a 2300 metros de altitude, e descerem seiscentos metros vulcão abaixo, do outro lado. Eles entravam na cratera do vulcão Kawah Idjen, grande produtor de enxofre. Devido às emanções tóxicas — verdadeiras nuvens de veneno —, não se podia respirar pelo nariz, apenas pela boca. A única proteção daqueles trabalhadores era o pedaço de pano que colocavam na boca; com o passar do tempo, seus dentes ficavam arruinados. Cestos de setenta ou 75 quilos de minério eram preenchidos por homens que não chegavam a pesar sessenta. Eles fixavam dois cestos em cada ponta de uma vara de bambu e subiam os seiscentos metros que os separavam da saída da cratera. Levavam cerca de duas horas nessa subida, depois desciam a encosta do vulcão correndo, caso contrário o peso dos cestos os esmagaria. Era extremamente perigoso. Alguns deslocavam a rótula. Na época, recebiam 3,50 dólares por trajeto. Precisavam parar por dois dias para se recuperar fisicamente e, no fim do mês, recebiam apenas o suficiente para sobreviver. Também guardo lembranças muito vívidas de minhas passagens pelas minas de ouro e carvão.

12. O mundo das minas

A mina de ouro da Serra Pelada, no Pará, foi descoberta em 1980, provocando uma verdadeira corrida do ouro. Quis conhecê-la, mas a mina era administrada pela Polícia Federal e minha ficha no SNI, Sistema Nacional da Informação, proibia o meu acesso. Em 1986, quando a administração da mina passou para a Cooperativa dos Garimpeiros, finalmente obtive autorização para visitá-la. Fui levado por um velho amigo de meu pai, um dos milhares de proprietários. Aquela mina imensa estava dividida em 2 ou 3 mil concessões de dois metros por três. Cada uma empregava de quinze a vinte pessoas: os pagadores, os capatazes, os transportadores etc. Quando conheci a mina, 70 mil quilos de ouro já haviam sido extraídos.

No dia em que cheguei, um garimpeiro me perguntou de onde eu vinha. Respondi: "Do Rio Doce", pois este é o nome de meu vale natal. Sem que eu percebesse, imediatamente se espalhou pela mina o rumor de que eu havia sido enviado pela empresa Vale do Rio Doce, que era a proprietária legal da concessão. Essa companhia (hoje chamada Vale) tira seu nome do vale em que nasci, onde é proprietária das maiores minas de ferro do mundo. Na época, ela começava a explorar as jazidas de ferro do Pará, onde estávamos. Enquanto o rumor se espalhava, descobri sob meus pés um buraco do tamanho de um estádio de futebol. Cerca de 50 mil homens trabalhavam ao mesmo tempo sem uma única ferramenta mecânica,

a setenta metros de profundidade. Eles pareciam feitos de barro. Observando todas aquelas pessoas batendo picaretas, retirando a terra com as mãos, pensei ouvir o canto do ouro.

De repente, o barulho cessou. Todos os olhos cravaram em mim. Com minha pele branca e minhas roupas claras — sempre uso cáqui para trabalhar — eu me destacava no meio daqueles milhares de rostos bronzeados pelo sol e de todas aquelas silhuetas pintadas de ocre. Então todos começaram a bater as ferramentas umas nas outras, um ruído enorme se elevou. Não entendi nada, então peguei minhas câmeras e comecei a fotografar. Pouco a pouco, o trabalho foi sendo retomado.

Comecei a descer a mina. Antes de chegar lá embaixo, já estava coberto de lama, das roupas até as alças das câmeras, de tanto ser empurrado por todos com quem cruzava. Eu sentia a energia no ar, toda a hostilidade direcionada a mim. Ninguém falava comigo, eu não entendia por que e me perguntava como conseguiria passar um mês inteiro naquela atmosfera. Lá embaixo, cruzei com um dos policiais que vigiavam a mina — não para prevenir roubos, pois não havia nenhum problema desse tipo, mas para garantir o bom desenrolar do trabalho e impedir brigas. O policial me disse: “Gringo, passe o passaporte”. Respondi que não tinha nada a mostrar porque era brasileiro. Na época, eu tinha cabelos, era loiro da cabeça ao bigode e à barba. O policial me encarou, insistiu. Diante de uma segunda negativa, ele me algemou e me puxou, na tentativa de me expulsar dali. Lágrimas me subiram aos olhos. Vendo que a polícia me perseguia, os garimpeiros compreenderam que eu não era um espião da Vale. Fui levado a um barracão para me explicar a um oficial. Entendido o equívoco, ele se desculpou e me soltou. Desci direto à mina e, lá dentro, fui ovacionado! Aquele policial, no fim das

contas, me prestou um enorme serviço. Depois disso, sentia-me como se estivesse em casa, pude andar por tudo e fotografar livremente. Convivi por várias semanas com os garimpeiros, na barraca do velho amigo de meu pai que me conhecia desde a infância.

Minhas fotos dessa mina de ouro são bastante conhecidas. Foi impactante ver tantas pessoas trabalhando lado a lado num imenso buraco a céu aberto. As imagens podem passar a impressão de um trabalho muito penoso para os garimpeiros e despertar certa empatia. Mas todos que ali trabalhavam estavam lá por conta própria. Não eram escravos — a não ser, talvez, da própria vontade de enriquecer. Todos tinham chegado ali levados por um sonho: o de ficar ricos. Alguns passariam a vida inteira escavando a mina sem encontrar nada. Mas quem descobrisse um filão... De tanto perfurar, os garimpeiros percebiam a mudança na cor da terra quando se aproximavam de um veio de ouro. Para recolher esses minérios valiosos, os garimpeiros da Serra Pelada não utilizavam sacos comuns, mas sacos brancos ou azuis. Além do salário, cada carregador de sacos de terra tinha o direito de escolher um saco branco ou um saco azul retirado do filão que ele havia liberado. Quando triasse o minério contido ali dentro, poderia encontrar cinco grãos ou cinco quilos de ouro. Era uma loteria.

Entre os trabalhadores, conheci todo tipo de gente. Alguns não sabiam nem ler nem escrever, outros tinham chegado à universidade. Todos eram aventureiros, como os que participaram da corrida do ouro na Califórnia ou no Alasca. Eles olhavam para os policiais da mina como se estivessem diante de lacaios que abusavam do poder por terem uma arma na mão.

Era uma verdadeira luta de classes. Quando havia brigas, os policiais não hesitavam em atirar, às vezes para matar. Mas eram apedrejados com pedaços de minério de ferro, mais pesado que o granito.

Todos os trabalhadores viviam ali mesmo, em barracas, onde dormiam em redes. Além do salário, recebiam uma boa alimentação, com muita carne, mandioca, arroz, legumes. Nas barracas do compadre de meu pai, patrão e empregados comiam todos a mesma coisa. O álcool era proibido, não havia mulheres num raio de quarenta ou cinquenta quilômetros. Reinava uma violência latente. Mas também encontrei certa ternura. Na mina, como em toda parte, havia homossexuais. Entre os 50 mil homens, formara-se inclusive uma organização homossexual, uma espécie de pequena corporação que trazia um toque de doçura àquela vida árdua. Certo dia, conheci um garimpeiro durão com cicatrizes de facadas. Conversamos, e ele acabou me dizendo: "Você é um homem de sorte, Sebastião, mora em Paris. Meu sonho é encontrar ouro e ir para Paris colocar seios de silicone, pois lá estão os mais bonitos". Achei aquilo fenomenal: sua escravidão, naquela vida duríssima da mina, era o sonho de ter lindos seios de silicone. Foi tão inesperado que me fez sorrir.

Hoje, todas as minas foram mecanizadas de maneira brutal. Quando trabalhei na região de Dhanbad, na Índia, em 1989, 150 mil mineiros se matavam para extrair carvão, revezando-se dia e noite em galerias onde o calor chegava a 55°C. Essas minas foram exploradas pelos ingleses até a Segunda Guerra Mundial e forneciam um carvão muito bom para a produção de aço. Depois os ingleses as abandonaram sem fechá-las corretamente. Com a circulação do ar, o fogo se manifestou em certos locais subterrâneos. Quando cheguei, as entranhas da terra ardiavam há anos. Nuvens de fumaça

flutuavam por toda parte e, cruzando as aldeias, era possível ver pontos de desmoronamento de terra. Mesmo assim, todos os habitantes da região tiravam seu sustento da mina, cerca de 400 mil pessoas. Todos tinham um pequeno pedaço de terra, cultivado pelas mulheres, enquanto os homens eram empregados da mina, ou vice-versa. Às vezes, a família toda trabalhava na mina, pois contratava-se mão de obra não qualificada, especialmente para o trabalho de superfície. Naquele momento, começavam a ser instaladas minas a céu aberto, com o auxílio de enormes máquinas russas: espécies de pás mecânicas, verdadeiros monstros que podiam cavar e deslocar montes de terra do tamanho de casas. Inegavelmente, assistia-se ao fim de uma era.

Voltei àquela região do Bihar anos mais tarde, para minhas reportagens em torno das migrações. Eu queria constatar as mutações produzidas sobre a população pela reorganização industrial. A mão de obra local havia sido substituída por grandes máquinas; a mina só empregava técnicos e funcionários qualificados. Não eram mais os braços, mas as competências técnicas que eram buscadas. Muitas pessoas sem as qualificações necessárias estavam desempregadas. Depois de terem sido expulsas de seu quinhão de terra, essas populações empobrecidas se amontoavam nas cidades, que começavam a crescer desmesuradamente. Cheguei a me deparar com famílias que, à noite, voltavam para a entrada das minas para buscar combustível. Para sobreviver, alguns roubavam das terras que um dia haviam sido suas. De agricultores que trabalhavam nas minas, eles se transformaram em proletários que se concentravam na periferia das cidades e em ladrões da noite nas suas antigas propriedades. Foram essas tragédias humanas geradas

pelo desaparecimento da mão humana no processo industrial que em parte tentei contar em meu Projeto "Êxodos".

13. “Êxodos”

Em 1993, publiquei o livro *Trabalhadores*. Enquanto Lélia e eu organizávamos exposições em diferentes museus do mundo e eu dava conferências para compartilhar minhas experiências, começamos a conceber uma nova história. A da reorganização da família humana, orquestrada pelas mutações na indústria e pelo drástico ritmo da produção.

No Bihar e em outras partes, eu havia constatado a mesma coisa: a migração das grandes indústrias ocidentais para os países pobres, onde a mão de obra é mais barata, havia criado polos de crescimento industrial. Estes, por sua vez, geravam enormes movimentos populacionais. Não sei quais são as estatísticas exatas hoje, mas na primeira metade dos anos 1990, a cada ano, entre 150 e 200 milhões de pessoas trocavam o campo pela cidade. Esse movimento estava desorganizando o planeta. Várias das catástrofes urbanas que hoje observamos nos países do hemisfério Sul se devem a esses grandes deslocamentos planetários do sistema industrial. Eles geraram a nova sociedade de consumo dos países em desenvolvimento, a aceleração da produção barata, a concentração da população, o surgimento das megalópoles. Pela primeira vez na nossa história, a maioria dos seres humanos vive em cidades. E a maior parte desses novos cidadãos vive muito mal.

A mão de obra barata se concentra nas favelas, e em toda parte temos o mesmo panorama. Nas favelas de São Paulo ou nas

ciudades perdidas do México, vemos os mesmos casebres de tábuas ou metal em que as famílias se espremem. Em toda parte, crianças brincam no meio de pilhas de lixo. Em todos os lugares do planeta, os garotos que cheiram cola ou fumam crack se parecem; onde quer que estejam, os mais pobres acabam tendo a mesma aparência.

Nos quatro cantos do globo, as pessoas são deslocadas essencialmente pelas mesmas razões econômicas, que favorecem uma minoria, enquanto a maioria se torna miserável. E em toda parte a superpopulação resultante amplia os mesmos males: precariedade, violência, epidemias... Às vésperas do terceiro milênio, eu quis mostrar essas pessoas em trânsito, sua coragem diante do desenraizamento, sua incrível capacidade de adaptação a situações em geral muito difíceis. Eu quis mostrar que, cada um à sua maneira, todos manifestam no mundo seu espírito de iniciativa e a riqueza de suas diferenças. Às vésperas do século XXI, tentei mostrar a necessidade de refundarmos a família humana sobre as bases da solidariedade e da partilha.

Aliei-me a organizações especializadas nessas questões e a outras que trabalhavam com os migrantes — em especial a Organização Internacional para as Migrações, sediada em Genebra, o UNHCR e a Unicef. Com o passar do tempo, decidimos contar a história de todas as populações obrigadas a deixar suas casas por razões econômicas, religiosas, climáticas ou políticas. Demos a esse projeto o nome de “Êxodos”.

A necessidade de contar essa história germinou dentro de nós com tanta força porque ecoava nossa própria história. Oficialmente, eu havia deixado o Brasil para continuar os estudos na França, mas quando meu passaporte expirou e o governo brasileiro se recusou a renová-lo, tornei-me de fato um refugiado. Acabei obtendo a

nacionalidade francesa, como Lélia e nossos filhos, mas ao contrário de nossos meninos, que nasceram na França, nunca serei um verdadeiro francês: serei sempre um imigrante. Conheço o exílio, sei tudo o que deixar seu país implica. Passei pela angústia de viver ilegalmente e tenho afinidade com todos os que inventam uma nova vida para si mesmos longe de sua terra natal: o garçom salvadorenho do restaurante em Manhattan, o comerciante indiano instalado na Inglaterra ou o operário senegalês do canteiro de obras em Paris.

“Êxodos” me mobilizou por seis anos, ao longo dos quais percorri diversos países, da Índia à América Latina, passando pelo Iraque. Fui a muitos lugares que já conhecia, a começar pelo Brasil. E em toda parte constatei, com muita tristeza, a degradação das condições de vida. Visitei megalópoles e favelas, cidades asiáticas tentaculares como Xangai, Jacarta ou Bombaim, onde novos migrantes em busca de trabalho estão sempre chegando. Vi ilhas de riqueza num oceano de pobreza. Nunca esquecerei Manila e seus clubes de golfe privados, enquanto as ruas pululavam de crianças paupérrimas. Lembro também de todos os vietnamitas que faziam fila por horas a fio à porta do consulado dos Estados Unidos na cidade de Ho Chi Minh (a antiga Saigon), em busca de um visto de entrada. E dos *boat people* encalhados em Hong Kong ou na ilha de Galang, na Indonésia. Cruzei com minúsculas embarcações apinhadas de africanos tentando chegar clandestinamente à Espanha para conseguir trabalho. Fotografei todos os tipos de migrantes. Todos pegavam a estrada ou se espremiavam em barcos para tentar uma vida melhor em outra parte, muitas vezes arriscando a própria vida.

Também conheci desabrigados, como os moradores dos povoados hondurenhos destruídos por inundações após a passagem do furacão Mitch, em 1998. No passado, aquelas regiões já tinham enfrentado tempestades e seus moradores tinham visto suas casas serem carregadas por correntes de lama. Mas, até então, as raízes das árvores sempre mantinham a terra no lugar. Naquele ano, porém, o desmatamento e a mão do homem agravaram o balanço da tragédia. Visitei populações ameaçadas, como os curdos do Iraque. Passei por campos de refugiados, no Afeganistão e em outros lugares. Ao contrário dos migrantes, eles não sonhavam com uma vida melhor. Haviam sido expulsos de casa pelo medo da repressão ou da guerra, e tentavam, bem ou mal, se adaptar. Alguns acabavam se tornando residentes permanentes, como os palestinos no Líbano. Muitos nunca voltariam para casa e se tornariam migrantes.

Também fui aos Bálcãs. Encontrei pessoas desnorteadas, que haviam sido colocadas umas contra as outras por dirigentes belicosos e desonestos. Milhões de antigos iugoslavos tinham se tornado croatas, sérvios ou bósnios, inimigos uns dos outros, obrigados a fugir dos lugares onde viviam desde sempre. Encontrei ciganos ameaçados. E vi o êxodo dos albaneses e dos kosovares. A semelhança entre todas essas situações começou a me oprimir.

Essas reportagens me colocaram diante das vítimas de nosso mundo e de seus diferentes sistemas, que, no fundo, são todos muito parecidos e interligados. Aquelas pessoas atravessavam momentos terríveis, às vezes os piores de suas vidas. Mesmo assim, aceitavam ser fotografadas. Queriam que seu sofrimento fosse conhecido, acredito.

No fim, a história que eu pensava conhecer na ponta dos dedos deixou-me profundamente abalado e confuso em minha sensibilidade e em minhas convicções. Eu já havia testemunhado tantas tragédias ao longo de diferentes reportagens que me pensava imune a elas. Mas não estava preparado para encontrar tanta violência, tanto ódio e tanta brutalidade. Pensava que a Europa não conheceria novas limpezas étnicas; não imaginava o pesadelo dos Bálcãs. Os massacres e o genocídio que presenciei na África chegaram a tal grau de atrocidade que me deixaram doente. Profundamente apreensivo quanto ao futuro da humanidade.

14. A longa marcha moçambicana

Em 1992, as Nações Unidas conseguiram a assinatura de um acordo de paz entre as duas facções inimigas que, desde 1976, travavam uma luta fratricida, violenta e absoluta, em Moçambique. Pouco tempo depois, feliz com aquela trégua, decidi viajar a essa antiga colônia portuguesa da África austral. Queria assistir ao retorno das centenas de milhares de moçambicanos refugiados, havia muitos anos, em campos no Malawi, no Zimbábue e na África do Sul.

Para compreender a situação, é preciso voltar à independência, obtida em 1975 pela Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), ao fim de um movimento de luta. Depois da vitória sobre os portugueses, a Frelimo havia colocado no poder um governo marxista-leninista. O grande vizinho sul-africano — então sob o jugo do governo de extrema direita à frente do apartheid —, alarmado com a ideia de que movimentos como aquele pudessem contaminar as massas negras e trabalhadoras, apressou-se em desencadear uma guerrilha em Moçambique. A África do Sul criou e financiou, portanto, a Renamo (Resistência Nacional Moçambicana), que se tornou um movimento muito poderoso.

Como na época da guerra de independência, uns controlavam o campo (Renamo), os outros, as cidades (Frelimo). A Guerra Fria se

mesclou ao conflito, pois o bloco ocidental apoiava a África do Sul, enquanto a URSS ajudava Moçambique. Quando a Renamo entrava nas aldeias para massacrar a população, a maioria dos adultos estava nos campos e as crianças, na escola. Os que podiam, fugiam, cada um por si. Nessa fuga, as famílias se dividiam, se perdiam. Quando capturava meninos, a Renamo os alistava e os transformava em pequenos soldados. Essa época foi marcada por uma violência inacreditável.

Ao fim dessa guerra fratricida, organizações humanitárias como Unicef, OMS, MSF, UNHCR, OIM e Save Children Fund, com quem eu trabalhava, cuidavam de campos de refugiados. Alguns abrigavam 5 mil, às vezes até 10 mil crianças perdidas, outros, adultos e famílias. Para ajudar pais e filhos a se encontrar, os retratos eram muito úteis. Era preciso ter cuidado antes de entregar as crianças aos adultos que voltavam para casa, pois alguns tentavam retirar crianças para transformá-las em escravos. As organizações realizaram, então, um grande trabalho de investigação. Com essa iniciativa de recomposição das famílias, milhares de crianças puderam voltar para seus lares.

Durante as semanas que passei em campos de refugiados, constatei que indivíduos dos dois lados, Renamo e Frelimo, ali coabitavam. Uns e outros haviam sido expulsos de suas casas e privados de alimento pela guerra. Aquelas populações inimigas que haviam travado uma guerra de rara violência estavam reunidas nos mesmos campos. Para que a coabitação fosse possível, cerimônias de exorcismo eram organizadas. Presenciei momentos muito intensos em que os espíritos da guerra eram enfrentados com facas na boca, fuzis. Depois que todos os espíritos guerreiros eram expulsos, restava um único e mesmo povo moçambicano que podia

voltar para casa. Foi profundamente comovente, incrível, estar dentro de um ônibus, de um caminhão, ou a pé, ao lado de todas aquelas pessoas que, por anos, tinham lutado uma guerra impiedosa.

Caminhei muitíssimo com essas populações. Quilômetros e quilômetros entre o Malawi e Moçambique. E percebi que as pessoas que viviam concentradas em campos de 50 mil, 100 mil, 200 mil refugiados, tinham experimentado um modo de vida quase urbano. Todos aqueles camponeses haviam morado, naqueles últimos anos, em ilhas de barracões separadas por passagens idênticas às ruas movimentadas das cidades cheias de vida. Tinham tido acesso a escolas, a um pequeno hospital. Com o passar dos meses, tinham se urbanizado. Chegando o momento de voltar a Moçambique, a grande maioria não quis mais viver no campo. Por isso, foi engrossar as cidades. A guerra mudou profundamente seu modo de vida.

No caminho de volta, assisti a cenas muito fortes, em especial na travessia do rio Zambeze. Lembro das pessoas que chegavam à noite às margens do rio, sedentas, sujas, e que se atiravam na água sem ver os crocodilos escondidos na escuridão. Algumas eram atacadas... Era terrível. Lembro também de um episódio incrível, engraçado e dramático ao mesmo tempo. Sobre a ponte Dona Ana — a maior ponte fluvial do mundo que se estende por treze quilômetros e foi destruída em certos pontos pela guerra —, encontrei uma mulher com seu bebê pendurado às costas e várias sacolas nos braços. Perguntei-lhe se estava voltando para Vila de Sena, do outro lado da ponte. Ela me explicou, rindo, que ia muito mais longe. Cogitei então a cidade de Beira, a trezentos quilômetros dali. Ela me respondeu: “Não, vou a Maputo”. Ou seja, preparava-se para percorrer mais 1250 quilômetros a pé com todas as suas coisas

e o filho. Nunca esquecerei a calma e a determinação daquela mulher, sua coragem. Tenho certeza de que chegou a seu destino.

Voltei a Moçambique várias vezes. No meio de uma dessas visitas, em abril de 1994, fui me encontrar com Lélia por alguns dias no Brasil. De São Paulo, parti no início de maio para Maputo, via África do Sul. No aeroporto de Johannesburgo, durante a escala, de repente ouvi meu nome sendo anunciado no alto-falante: sou informado de que devo ligar imediatamente para Lélia. No telefone, ela me disse: “Não volte para Moçambique, siga para Ruanda. Dezenas de milhares de pessoas estão fugindo para a Tanzânia...”.

15. Ruanda

Em vez de voltar para Moçambique, como previsto, comprei uma passagem para o Quênia: era a única maneira de chegar a Ruanda. Chegando em Nairóbi, dirigi-me à sede da UNHCR. Ali, explicaram-me que eu não poderia mais entrar em Ruanda: uma guerra eclodira, dezenas de milhares de pessoas fugiam para a Tanzânia. Sugeriram-me que pegasse um avião naquela mesma noite para esse país fronteiriço. Quando desembarquei em Benako, no nordeste da Tanzânia, 100 mil refugiados já estavam lá. Em poucos dias, eles eram 1 milhão. Quanto aos mortos... Em 1994, lembremos, Ruanda foi palco de um dos maiores genocídios do século XX.

Em meio àquele desastre, comecei a trabalhar imediatamente. Vi coisas terríveis; algumas, inesquecíveis. Perto do Kagera, rio que separa Tanzânia e Ruanda, vi dezenas e dezenas de cadáveres passando por baixo de uma pequena ponte. Havia uma queda-d'água de onde caíam corpos sem parar, e que depois entravam num turbilhão. Era horrível.

Certo dia, deparei-me com guerrilheiros tútsis que haviam tomado aquela parte de Ruanda, enquanto os hutus se concentravam em Kigali, apoiados pelas forças francesas, com bases de retaguarda até a fronteira do Congo. Aqueles tútsis me disseram: "Temos um carro, podemos levá-lo a Kigali, se você quiser". Aceitei. Tínhamos 150 quilômetros pela frente. A estrada estava apinhada de corpos mutilados, retalhados. Quando fazíamos pausas na viagem,

caminhávamos por entre cadáveres empilhados sob as bananeiras. Tirei fotografias terríveis. A guerra havia eclodido por pretextos étnicos. Mas, para além dela, havia algo mais: uma história de pobreza. De exploração. Uma história que eu conhecia havia muito tempo.

Em 1971, visitei Ruanda pela primeira vez, a serviço da Organização Internacional do Café. Voltei em 1991, para o Projeto Trabalhadores, para rever as plantações de “chá aldeão” (assim eram designadas as produções em pequenas propriedades familiares) de cuja criação eu havia participado. Eu tinha visto os pequenos produtores trabalhando de manhã até a noite a preços negativos para produzir um chá que seria o melhor e o mais caro do mundo. Depois de 1971, aquela população havia se multiplicado por dez, de modo que sua parte dos lucros era cada vez menor. A pobreza crescente gangrenava uma sociedade dividida pelas tensões raciais entre hutus e tútsis. Além disso, em 1975, época do surgimento do Movimento Republicano Nacional pelo Desenvolvimento (MRND), um governo muito rígido, a França havia assinado um acordo de assistência a Ruanda, sob o pretexto de proximidade e estreitamento de laços em razão da francofonia — não para implantar escolas, mas postos policiais. Entre 1987 e 1994, a França forneceu, regularmente, equipamentos militares. Todos esses fatores, somados, levaram a uma situação explosiva; ela acabou eclodindo e provocando o caos que conheci em abril de 1994. Depois disso, voltei a Moçambique, para continuar meu trabalho com as organizações humanitárias, mas fiquei obcecado por Ruanda. Ao longo dos meses que se seguiram, voltei com frequência ao país.

Após o massacre dos tútsis perpetrado pelos hutus, as forças tútsis tomaram Kigali. Grande parte dos hutus fugiu para o Zaire (hoje República Democrática do Congo), para a Tanzânia e para o Burundi. Foi uma catástrofe: no fim, mais de 2 milhões de pessoas se viram em campos de refugiados. Eu os via chegando aos milhares, tentando sobreviver naqueles lugares, uns sobre os outros. Problemas de higiene logo apareceram. As organizações humanitárias estavam sobrecarregadas, totalmente vencidas pela falta de equipamentos e medicamentos. A cólera logo se alastrou pelo Zaire.

Vi homens fortes, combatentes, murcharem em poucas horas e morrerem como mosquitos. Devido à aglomeração, as diarreias infecciosas se propagavam à velocidade da luz e matavam milhares de pessoas por dia. Seus corpos não podiam nem mesmo ser enterrados, eram empilhados. Vi montanhas de cadáveres de centenas de comprimento. O exército francês chegava com um buldôzer para abrir valas comuns. A pá mecânica pegava de dez a quinze mortos de uma só vez e os colocava em buracos, às vezes deixando para trás um braço, uma cabeça, uma perna. Era insano. Os sobreviventes pareciam ter se tornado insensíveis. E eu comecei a sentir que estava morrendo. Passei ali nove meses tão insuportáveis que meu corpo e minha mente começaram a me abandonar. Fui atacado por meus próprios estafilococos. Meu médico em Paris acabou me mandando parar com tudo para me tratar.

Alguns meses depois, em 1995, depois de me recuperar um pouco, voltei a Kigali para continuar minha reportagem. Procurei meu amigo Joseph Munyankindi. Ele havia sido assassinado, junto com a mulher e os filhos. Fiquei chocado. Nós nos conhecíamos desde minha primeira viagem a Ruanda, quando eu ainda era um

jovem economista da Organização Internacional do Café e ele, diretor do Instituto das Culturas Industriais de Ruanda. Tínhamos percorrido centenas de quilômetros dentro de um Fusca à procura de lugares para a instalação das plantações de chá. Na época, conversamos muito, nos divertimos juntos e nos tornamos amigos. Voltamos a nos ver em Londres, apresentei-lhe Lélia, ele foi à nossa casa. Visitei-o em todas as minhas passagens por Kigali. Ele sempre me recebia de braços abertos. Apresentara-me sua esposa: ele era hutu; ela, tútsi, uma mulher de rara beleza. Quando voltei a Ruanda, em 1991, para "Trabalhadores", três anos e meio antes da eclosão dos conflitos, meu filho Juliano, então com dezessete anos, me acompanhou. Durante aquela viagem, sentimos tensões enormes no ar.

Quando tentamos alugar um carro para ir à região do Kivu ver as famosas plantações de chá, as companhias internacionais já não alugavam mais veículos para sair da capital. Joseph Munyankindi conseguiu que alugássemos um Peugeot 304 de um de seus amigos. Fomos inspecionados dezesseis vezes na estrada até Bukavu, perto da fronteira com o Congo. Chegando lá, começamos a trabalhar, eu em minhas fotos, Juliano preparando uma apresentação para a escola. A cada três ou quatro dias, nos comunicávamos com o homem que nos alugara o carro, depois com sua mulher, mas no fim já não conseguíamos mais contatá-los. Quando voltamos a Kigali, Munyankindi nos informou que o proprietário do carro havia sido assassinado. Policiais hutus, pensando que eles tinham dinheiro, haviam invadido a casa da família e matado o marido.

Na mesma época, a mulher de Joseph havia sido presa pela segunda vez: por ser tútsi, era suspeita de espionagem. Antes de nossa partida, meu amigo nos confiou algumas cartas com

destinatários na Alemanha. Ele não trabalhava mais para o governo, mas para a Misereor, uma organização cristã alemã que sustentava projetos de desenvolvimento. Ele não tinha coragem de colocar aquelas cartas no correio. Senti que estava muito preocupado. Não sabia que seria a última vez que o veria. O genocídio levou meu amigo em sua onda de sangue.

Quando voltei às famosas plantações de chá onde havíamos sido tão felizes — com ele e depois com Juliano —, onde tínhamos rido tanto, tudo estava queimado. Daquele chá tão difícil de plantar e cultivar, não restava nada. Sobre a terra devastada, jaziam ossos por todos os lados. Talvez aqueles restos pertencessem a pessoas que havíamos conhecido e com quem havíamos passado momentos tão agradáveis.

É curioso como algumas regiões do mundo marcam cada pessoa de modo específico. Enquanto jovem economista, explorei muito Ruanda, à procura das terras incrivelmente férteis do Kivu. Enquanto fotógrafo, voltei ao país para a série “Trabalhadores”. Em 1994, assisti à calamidade absoluta. Voltei em 1995, para acompanhar o retorno dos refugiados. Em meu projeto seguinte, “Gênesis”, quis fotografar os vulcões em erupção de Goma e os gorilas do Parque Nacional de Virunga. Fui, voltei, visitei Ruanda por razões e circunstâncias muito diferentes. Quantas vezes? Não sei exatamente. Mas sempre o mesmo lugar. Sem que eu percebesse, muitas de minhas histórias se passaram ali. Perto do lago Kivu.

16. A morte vista de perto

Como já relatei, vi tanto sofrimento, ódio e violência ao longo das reportagens para Êxodos que saí muito abalado. Mas não me arrependo de tê-las feito. “Diante de uma atrocidade, o que constitui uma boa foto?”, às vezes me perguntam. Minha resposta cabe em poucas palavras: a fotografia é minha linguagem. O fotógrafo está ali para ficar quieto, quaisquer que sejam as situações, ele está ali para ver e fotografar. É através da fotografia que trabalho, que me expresso. É através dela que vivo.

Amo Ruanda. Decidi fotografar seus trabalhadores e suas plantações, bem como a beleza de seus parques e as atrocidades que neles foram perpetradas, justamente porque a amo. E naquele período de horror fotografei-a com todo o meu coração. Pensava que todos deviam conhecer aquilo. Ninguém tem o direito de se proteger das tragédias de seu tempo, porque somos todos responsáveis, de certo modo, pelo que acontece na sociedade em que escolhemos viver.

Deveríamos todos admitir que a sociedade de consumo da qual participamos explora e pauperiza enormemente os habitantes do planeta. Todos deveriam se manter informados — por meio do rádio, da televisão, acompanhando a imprensa, vendo fotografias — a respeito das tragédias provocadas pelas desigualdades entre o Norte e o Sul, das calamidades em série geradas por ela. Este é nosso mundo, precisamos assumi-lo. Não são os fotógrafos que criam as

catástrofes, elas são os sintomas da disfunção do mundo do qual todos participamos. Os fotógrafos existem para servir de espelho, como os jornalistas. E não venham me falar de voyeurismo! Voyeurs foram os políticos que deixaram as coisas acontecerem e os militares que facilitaram a repressão em Ruanda. Foram eles os responsáveis, assim como o Conselho de Segurança das Nações Unidas que, com todas as suas falhas, não impediu que milhões de assassinatos fossem cometidos.

Sempre procurei mostrar as pessoas em sua dignidade. Na maioria das vezes, eram vítimas da crueldade, dos acontecimentos. Foram fotografadas quando tinham perdido suas casas, assistido ao assassinato de seus próximos, às vezes de seus filhos. A imensa maioria era formada por inocentes que não mereceram nenhuma das desgraças que caíram sobre suas cabeças. Minhas fotos foram tiradas porque pensei que o mundo inteiro devia saber. É meu ponto de vista, mas não obrigo ninguém a vê-las. Meu objetivo não é dar uma lição a ninguém nem tranquilizar minha consciência por ter despertado algum sentimento de compaixão em outrem. Fiz essas imagens porque eu tinha uma obrigação moral, ética, de fazê-las. Alguns me perguntarão: em tais momentos de desespero, o que é a moral, o que é a ética? No momento em que estou diante de alguém que está morrendo, é quando decido ou não se tiro a foto.

17. O Instituto Terra: uma utopia concretizada

Em 2000, publiquei dois livros, *Êxodos* e *Retratos de crianças do êxodo*. Se as populações em trânsito geralmente são vítimas, seus filhos são ainda mais. Eles demonstram com frequência inverossímeis capacidades de adaptação, de brincadeira e de riso. Mas em todas essas crianças famintas, sujas, feridas ou amputadas, foi acima de tudo o olhar que me impressionou. O livro *Retratos de crianças do êxodo* foi a elas dedicado: "a todas as crianças que, ao olhar estas fotografias, serão levadas a pensar sobre a vida atrás dos rostos".

As fotos do Projeto "Êxodos" correram o mundo. Milhares de pessoas puderam vê-las. Elas foram expostas em diversos museus e salas de exposição, revistas do mundo todo as reproduziram. Dei um número imenso de conferências. Nesse período, eu não estava bem física e psiquicamente. Até então, nunca imaginara que o homem pudesse ser uma espécie tão cruel consigo mesma; não conseguia aceitar aquilo. Estava deprimido, afundava no pessimismo. Também estava desesperado pelo estado em que todas aquelas transformações econômicas, sociais e políticas deixavam o planeta. Quantas árvores derrubadas, paisagens arruinadas, ecossistemas destruídos. Pensei então em montar um projeto para denunciar a poluição e a destruição das florestas. Enquanto isso, Lélia tivera a

ideia genial de reflorestar a terra devastada que tínhamos recebido de meus pais, em 1990, no Brasil. Tínhamos embarcado nessa louca aventura e, de repente, as árvores renasciam.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, no século XVI, 3500 quilômetros de costa estavam cobertos por Mata Atlântica, até cerca de 350 quilômetros terra adentro — o equivalente a duas vezes o tamanho da França. A terra de meus pais pertencia a esse ecossistema. Quando Lélia e eu conseguimos voltar ao país, depois da anistia política, constatamos que as árvores haviam sido cortadas. As famosas perobas, primas do carvalho, e várias outras espécies, tinham sido utilizadas para mobiliar as casas das cidades brasileiras em plena expansão e para produzir o carvão vegetal da siderurgia. Com o desflorestamento, as águas da chuva corriam sem que nada as detivesse. A terra fértil de meus pais, outrora coberta de pasto, arrozais e florestas, havia se tornado uma crosta pelada. Das trinta famílias que viviam ali quando eu era criança, restara apenas o capataz. Cada vez que voltávamos, víamos a aceleração desse processo.

Diante do desastre, Lélia um dia me disse: “Sebastião, vamos replantar”. Não tínhamos conhecimento, não morávamos no local e não sabíamos quanto custava uma árvore. Mas decidimos arriscar. Fomos visitar Renato de Jesus, um engenheiro célebre por seu trabalho de recuperação de ecossistemas. Renato estudou a situação de nossa terra, seu solo. Depois de seis meses, apresentou-nos um projeto: o plantio de 2,5 milhões de árvores! Além disso, deveríamos atentar para a diversidade. Um mínimo de duzentas espécies diferentes seria necessário para restabelecer o ecossistema. Como fazer? Onde encontrar financiamento? Não tínhamos a menor ideia. Mas pensamos: “Vamos tentar”. O grande defensor do

reflorestamento por espécies nativas nos garantiu que encontraríamos ajuda, de tanto que a necessidade de reabilitação ecossistêmica era importante.

Marquei um encontro com o Banco Mundial, em Washington. Fui recebido por pessoas que acharam a ideia completamente maluca e engraçada. Mesmo assim, nos colocaram em contato com uma rede ecológica brasileira muito interessante. Seus membros estavam quase todos sediados em meu estado, Minas Gerais. Foi assim que descobrimos outro "maluco", o diretor dos parques e florestas de Minas Gerais, Célio Murilo Valle. Ele imediatamente se entusiasmou e nos prometeu ajuda. Com ele, criamos o primeiro parque nacional do Brasil em terras completamente degradadas, com a única promessa de rearborizar tudo com espécies da flora nativa. Desde então, a terra de meus pais se tornou protegida: tornando-se reserva particular do patrimônio natural, nunca mais poderá ser utilizada como terreno agrícola. No início, meu pai não acreditou muito em nosso projeto. Pensava, acima de tudo, que nossa utopia de cidadãos urbanos nos arruinaria. Mas quando morreu, aos 95 anos, já tivera tempo de ver que as árvores haviam recuperado seus direitos.

Para financiar o projeto, decidimos dedicar-lhe o fruto de nosso trabalho. Os dirigentes da companhia mineradora local, então chamada Vale do Rio Doce, para a qual Renato de Jesus trabalhava, também acharam nossa ideia maluca, mas aceitaram nos ajudar. Como eles próprios possuíam um viveiro para cobrir suas necessidades em reflorestamento de espécies nativas, nos deram pequenas mudas e colocaram alguns trabalhadores à nossa disposição. Também nos disponibilizaram recursos, no que foram seguidos pelo Fundo Brasileiro para a Biodiversidade, que operava

ao lado do Banco Mundial. A maior parte da ajuda que tivemos veio do governo federal brasileiro, bem como dos governos dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Mas muitas empresas e fundações brasileiras nos apoiaram. Recebemos também um auxílio enorme de empresas e fundações francesas e monegascas; do governo das Astúrias e da Generalitat Valenciana, na Espanha; na Itália, da Emília-Romanha, da província de Roma, do Friul e da cidade de Parma. E foi assim que já conseguimos replantar 2 milhões de árvores de mais de trezentas espécies. E ainda não acabamos. Esperamos que, em 2050, além de termos concluído o reflorestamento de nossa reserva natural, possamos ter ajudado a replantar mais de 50 milhões de árvores no grande vale do qual fazemos parte.

Em novembro de 1999, porém, ao fim da estação das chuvas, quando colocamos os primeiros brotos na terra, eu honestamente não acreditava que uma única vingaria. Em meados de 2000, tínhamos mudas de setenta centímetros. Um arbusto é como um bebê: ao nascer, precisamos dar carinho, protegê-lo, ensiná-lo a caminhar, mas ele já tem todos os instintos vitais do ser humano. Com um arbusto é a mesma coisa: aos seis meses, com apenas setenta centímetros, ele tem todas as estruturas de um adulto. Os insetos se alimentam de suas pequenas flores. Quando suas pequenas folhas caem no chão, são carregadas pelas formigas. Todo um universo se forma. Lélia sempre dizia: "Temos uma floresta bebê". Mas já era uma floresta.

Agora temos nosso próprio viveiro e somos nós que fornecemos mudas aos programas ecológicos dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo. Nosso viveiro tem uma capacidade para 1 milhão de plantas por ano, pertencentes a mais de cem espécies diferentes.

Em torno do antigo curral da fazenda, as construções floresceram e abrigam hoje um centro de formação, o Instituto Terra. O instituto recebe guardas florestais, agricultores, prefeitos, operadores de tratores municipais. Também acolhe as crianças das escolas da região, a fim de sensibilizá-las desde pequenas para o problema do desmatamento, torná-las conscientes da importância da biodiversidade e da necessidade de reconstrução do ecossistema.

Muitos animais voltaram. Até mesmo a onça, o maior animal de nossa cadeia alimentar silvestre. Se ela voltou, é porque encontra alimento. O que significa que a cadeia alimentar foi restabelecida. A terra se tornou quase mais bonita do que quando eu era menino. Diante desse espetáculo, uma espécie de encantamento voltou a me invadir. Não demorou muito para que Lélia e eu percebêssemos que devíamos contar uma história fotográfica que mostrasse toda a beleza do mundo. O início de tudo, pois ao recriar essa floresta estávamos recriando um ciclo de vida.

Fomos nos informar junto à maior ONG de preservação ambiental, a Conservation International, que, de Washington, visa à proteção de tudo o que é virgem no mundo. Graças a ela, descobrimos que aproximadamente 46% do planeta permanecem preservados. Os seres humanos destruíram uma boa metade do planeta — é colossal —, mas a outra metade, ou quase, continua intacta, e isso me pareceu fantástico. Uma parte da Amazônia foi de fato destruída, mas ainda restam no mínimo 75%, dos quais a maior parte está no Brasil. Em todo o mundo, grandes áreas da floresta tropical foram destruídas — o que não impede que uma boa parte resista. Além disso, todos os locais de difícil acesso escaparam à destruição humana: os desertos e as terras frias, tanto no Sul quanto no Norte.

A Antártica tem 99,9% de terras virgens. *Idem* para as terras situadas a mais de 3 mil metros, muito difíceis de explorar.

Refletimos, discutimos e, pouco a pouco, formalizamos um projeto. Depois partimos em busca de fundos. Firmamos exclusividade na imprensa com a *Paris Match*, na França, a *Rolling Stone*, nos Estados Unidos, o *La Vanguardia*, na Espanha, a *Visão*, em Portugal, o *The Guardian*, no Reino Unido e o *La Repubblica*, na Itália. No início, esperávamos financiar o projeto com esses acordos e com as publicações que se seguiriam ao longo de oito anos de trabalho. Mas a imprensa escrita havia sido desbancada pela internet e precisamos buscar outros parceiros. Fundações americanas e empresas, como a nossa parceira Vale, no Brasil.

18. De volta ao começo

Em 2002, o conceito de "Gênesis" havia nascido. Bastava organizar, concretamente, as 32 reportagens que eu faria em busca dos espaços preservados, tórridos ou glaciais, áridos ou exuberantes. Quanto a minha preparação pessoal, os anos e a experiência acabaram me aperfeiçoando. Quatro grandes caixas levam tudo o que preciso para viver a trinta graus negativos, a grandes altitudes, em regiões úmidas ou numa fornalha. Com o tempo, adquiri uma noção pessoal do essencial. Para mim, antes de tudo, o material fotográfico: minhas câmeras e, por muito tempo, uma maleta onde ficavam cuidadosamente guardados os meus filmes.

No início de "Gênesis", não tive assistente. Como em todas as minhas outras expedições fotográficas, precisaria conseguir carregar tudo. Quando cheguei em Galápagos para a primeira reportagem, em 4 de janeiro de 2004, encontrei um guia local, mas saí sozinho de Paris. Na Antártica, em 2005, a bordo da escuna *Tara** com Gil Kebaïli, repórter da TF1 para o programa "Ushuaia", ele me convenceu a não viajar mais sozinho, pois reportagens como essa implicam um grande número de normas de segurança. Constatei, de fato, que ao caminhar pelas geleiras podemos facilmente cair em fendas profundas. Ele me convenceu a levar um assistente. Quando voltei, conheci Jacques Barthélemy, guia de alta montanha; com ele

reaprendi a caminhar, a escalar e a utilizar cordas e boldriés. Fui acompanhado por ele em boa parte das reportagens.

Lélia e eu planejamos minuciosamente os oito anos que eu passaria percorrendo o mundo a pé, a bordo de pequenos aviões, barcos, canoas e até mesmo de um balão, que continua sendo uma de minhas mais belas recordações. Depois de passar anos mostrando mulheres, homens e crianças em seu cotidiano, eu fotografaria vulcões, dunas, geleiras, florestas, rios, cânions, baleias, renas, leões, pelicanos, o mundo da selva, do deserto e das geleiras.

Tive o grande prazer de voltar várias vezes à África, não para acompanhar tragédias, mas para capturar sua imensa beleza. Percorri o Saara a pé. Visitei alguns santuários do planeta, especialmente em ilhas. Já citei Galápagos, mas também visitei Madagascar, Sumatra, as ilhas Mentawai, que preservaram seu meio ambiente de forma impressionante, a Nova Guiné e a Papuásia Ocidental. Não trabalhei na Europa, onde não resta praticamente nenhuma região intacta, pois em toda parte a intervenção humana e os danos da poluição se fazem sentir. Em contrapartida, atravessei a Ásia, percorri os Himalaias, fiz três incursões à parte asiática da Rússia. Rodei bastante pela América do Sul e do Norte. Graças aos parques nacionais, os Estados Unidos mantiveram um laço muito forte com o ambiente natural. Subi até o Canadá, e depois enfrentei o frio do Alasca, as imensidões geladas do norte do planeta. Fiz um grande périplo pela Amazônia. Fui à Argentina, ao Chile, à Venezuela, a Diego Ramirez, um arquipélago chileno entre o cabo Horn e a Antártica, e depois fui até as Malvinas, à Geórgia do Sul, às ilhas Sandwich do Sul, que contam todas com um vulcão ativo e formam o maior refúgio de pinguins do mundo. Para mim, essas são as ilhas do fim do mundo; como se diz por aí, são ilhas tão distantes

que é nelas que o vento faz a curva. Contemplei uma inacreditável diversidade de paisagens, e cada uma dessas viagens foi única.

Esses anos foram magníficos, me proporcionaram alegrias imensas. Depois de ver tantos horrores, vi tanta beleza. Graças à equipe da Amazonas Images, à medida que eu realizava essas reportagens, muitas eram publicadas na imprensa internacional. Em abril de 2013, dois livros *Gênesis* foram publicados. Antes mesmo de eu ter terminado todas as reportagens, a exposição das fotos já estava programada em grandes museus, nos quatro cantos do mundo, de Londres a Nova York, passando por Brasil, Toronto, Roma, Singapura e, é claro, Paris. Lélia e eu tentamos prestar uma homenagem ao planeta. E, esperamos, fazer as pessoas pensarem na necessidade de respeitá-lo e protegê-lo enquanto ainda há tempo. Ao longo das reportagens, Lélia várias vezes foi a meu encontro. Juntos, diversas vezes ficamos sem fôlego diante da majestade da natureza. E diante da vida que nela reina e das milhões de espécies que nela habitam. Enfim, a Terra nos deu uma magnífica aula de humanidade. Descobrimo o planeta, descobri a mim mesmo. Compreendi que todos fazemos parte do mesmo conjunto, o sistema Terra.

Em minha primeira reportagem em Galápagos, por exemplo, certo dia acompanhei uma iguana, réptil que a princípio não tem muito a ver com nossa espécie. Mas ao observar uma de suas patas dianteiras, de repente vi a mão de um guerreiro medieval. Suas escamas me fizeram pensar numa cota de malha, sob a qual reconheci dedos parecidos com os meus. Pensei: essa iguana é minha prima. Eu tinha diante dos olhos a prova de que viemos todos da mesma célula, cada espécie tendo evoluído à sua maneira ao longo dos séculos e em conformidade com seu ecossistema. A

fotografia dessa pata de iguana circulou, apareceu na imprensa várias vezes. Se ela conseguir passar essa ideia, já ficarei feliz. Com "Gênesis", tentei mostrar a dignidade, a beleza da vida em todas as suas facetas. E o fato de termos todos a mesma origem. O encontro com a iguana confirmou o título que tínhamos escolhido, Gênesis. Ele não tem nenhuma relação, a meu ver, com a religião. Ele designa a harmonia primordial que permitiu toda a diversificação das espécies. O prodígio de que todos fazemos parte.

* *Tara* é uma escuna comandada por Étienne Bourgois com a missão de exploração e defesa do meio ambiente. De setembro de 2006 a fevereiro de 2008, para o evento Ano Polar Internacional, navegou pelo oceano Ártico para observar os fenômenos causados pelas mudanças climáticas.

19. E o homem em tudo isso?

Fotografar vegetais, minerais e animais foi uma novidade em minha vida de fotógrafo até então dedicada às questões sociais; uma verdadeira aventura e um grande aprendizado. Mas nem por isso me esqueci dos homens. Apenas procurei-os tal como vivem, tal como vivíamos todos há algumas dezenas de milhares de anos.

Para retratar as origens da espécie humana, trabalhei com grupos que ainda vivem em equilíbrio com a natureza. Não necessariamente as tribos mais afastadas de nossa civilização. Fui por exemplo ao Alto Xingu, no Mato Grosso, região central do Brasil banhada pelo rio Xingu, um afluente do Amazonas. Sua população indígena de aproximadamente 2500 habitantes, que se comunicam em aruaque, caribe e tupi, se divide em treze aldeias espalhadas por um território equivalente a cerca de duas vezes o tamanho da Bélgica. A descoberta desses povos data dos anos 1950. Hoje, esses índios usam chinelos, têm facões. Graças a uma telha solar, captam ondas de rádio. À tarde, recebem assistência médica por rádio da Funai, e quando o enfermeiro não consegue ajudá-los sozinho, um pequeno avião vem buscá-los para levá-los a um hospital. Eles têm perfeita consciência, portanto, de que são uma minoria à margem da maioria. Sabem o que acontece no mundo e conhecem bem a civilização ocidental. Mas continuam vivendo nus, a existência deles continua ritmada por um calendário de ritos de inspiração cósmica e

mitológica, que dão origem a cerimônias que ocorrem ora numa, ora noutra aldeia, e para as quais todos são convidados.

Permaneci três meses nessa região, durante o verão de 2005, para fotografar três tribos: os cuicuros (um pouco mais de 450 pessoas divididas em duas aldeias), os uaurás (cerca de 320 pessoas) e os camaiurás (cerca de 350 pessoas em duas aldeias). Particpei de momentos inesquecíveis. Junto aos camaiurás, assisti ao Amuricumã, a cerimônia de tomada do poder pelas mulheres. Segundo a tradição, um dia os homens partiram para uma caçada durante a qual, por causa de um feitiço, foram transformados em porcos. Quando voltaram para a aldeia, as mulheres os açoitaram e começaram a tratá-los como porcos. Elas se encarregaram da gestão da tribo, da organização da pesca — base da alimentação — etc. Durante esse ritual, praticado ao longo de um mês, as mulheres comandam os homens, que são obrigados a ajudá-las. Depois disso, a vida volta ao normal.

Junto aos cuicuros e aos uaurás acompanhei os preparativos para o Quarup, o ritual funerário. Quando era menino, ao ver as imagens e ler nas revistas brasileiras as matérias que descreviam esse ritual, eu ficava fascinado. Sempre quis presenciá-lo. Essa homenagem aos mortos que se desenrola ao longo do ano inteiro, mas culmina nas últimas três semanas. Antes da festa de encerramento, toda a tribo — homens, mulheres e crianças — vai pescar por quinze dias para alimentar as três ou quatro tribos convidadas para as festividades, ou seja, os mil ou 1500 participantes. Todos embarcamos a bordo de pirogas e subimos o rio. Somente os velhos ficaram na aldeia com os cães. Perto do local de pesca, os índios construíram mesas de defumação. Assim que são pescados, os peixes são defumados para garantir sua conservação. Na sequência, eles são embalados em

folhas espessas de arbustos, formando pacotes de aproximadamente trinta quilos. Quando os pescadores calcularam ter o suficiente, voltamos para a aldeia. Ali, já tinham deixado pronta uma reserva de farinha, a base da alimentação que eles extraem da raiz da mandioca. Quando os convidados chegaram, foram recebidos com peixe e farinha. Cada tribo levava consigo condimentos e sal obtido na queima de certos tipos de folhas.

Os convidados se instalaram na floresta, onde haviam sido preparados espaços para que pudessem estender suas redes. Todos os índios, sem exceção, dormem em redes. Quando se desloca, o índio é completamente autônomo. Seja quando sai para pescar ou caçar, ele leva consigo sua rede, seu arco, suas flechas e seus instrumentos de pesca: o conceito de essencial existe para eles. Também dormi numa rede todas aquelas noites. Mas eu poderia dormir assim pelo resto da vida. Lélia e eu temos várias redes em nosso apartamento de Paris. E boa parte dos brasileiros também adotara esse elemento da cultura indígena: milhões de pessoas dormem em redes, principalmente no norte e no nordeste do país.

Os grandes festejos do Quarup são realmente belíssimos. Devem seu nome à árvore que representa a pessoa falecida um ano antes. Os homens cortam uma árvore de Quarup durante uma cerimônia presidida por xamãs. Esse tronco que simboliza o morto é a seguir levado para o meio de um espaço em torno do qual os participantes se reúnem. Eles trazem oferendas de tudo o que o morto apreciava. Depois, começam a dançar na frente do tronco, chorando. É uma maneira de devolver ao defunto todo o amor que este distribuiu em vida. Também lhe devolvem a alegria que trouxe aos seus, ao mesmo tempo que lhe manifestam toda a tristeza dos que ficaram. Duzentas ou trezentas pessoas dançam ao mesmo tempo, enquanto

alguns músicos tocam uma flauta semelhante à trompa alpina da Suíça. Ao fim de cerca de dez dias de cantos, danças, lágrimas e risos, quando todos extravasaram suas emoções, uma competição é organizada para os homens (e para as mulheres), uma espécie de luta como em um circo romano, em que dezenas de duplas se enfrentam. O objetivo não é bater no adversário, mas fazer uma demonstração de força. Mesmo assim, há sempre alguns feridos. Por fim, os presentes dados aos mortos são redistribuídos entre todos, e o tronco do Quarup é carregado e atirado na água. As cerimônias de luto então chegam ao fim: o espírito do morto foi exorcizado. Esses rituais são ricos em significado e intensidade emocional. Para mim foi um grande privilégio poder acompanhá-los.

20. O respeito às origens

Essa série de reportagens, como todas que dediquei aos povos autóctones da Amazônia, foi preparada por longo tempo ao lado de antropólogos. E também da Funai, vinculada ao Ministério da Justiça. A Funai e os "indigenistas" que são seus pontas de lança são muito criticados. Alguns os condenam por buscarem a felicidade dos índios no lugar deles, por decidirem por conta própria o que é bom para aquelas populações que afirmam proteger. Mas eles inegavelmente desempenham um papel muito importante junto a esses grupos minoritários menos ou mais ameaçados. Graças à Funai, principal responsável por essa vitória, o Brasil é o único país do mundo em que mais de 12,5% de seu território, ou seja, uma vez e meia a superfície da França, é composto por reservas indígenas reconhecidas pela lei.

No passado, alguns grupos da Amazônia foram expulsos de suas terras. Outros, como as tribos do Alto Xingu, que tiveram contato com a civilização em 1950, conheceram uma migração para as cidades próximas a suas reservas, no Mato Grosso. Mas esses índios são caçadores-coletores. Eles não conhecem o trabalho agrícola das fazendas ou das cidades. Rapidamente, se tornaram o que o marxismo chama de *lumpenproletariat*, o subproletariado. Muitos afundaram no álcool, outros tantos morreram de tristeza. Alguns voltaram para suas aldeias de origem e retomaram os costumes ancestrais. Não voltaram totalmente à vida tradicional, mas

recuperaram sua língua, seu modo de vida, sua cultura, sua história. As rédeas de seu destino.

A partir da chegada da esquerda ao poder no Brasil, em 1995, a situação das minorias começou a mudar. Vários territórios indígenas foram delimitados, outros, legalizados. Os indigenistas conseguiram algumas vezes fazer com que o governo expulsasse os fazendeiros que ocupavam ilegalmente terras indígenas. Em junho de 2013, fiz uma reportagem com a Survival International e a Funai sobre o território dos índios awás para denunciar a invasão de suas terras por fazendeiros, bem como o roubo de suas árvores. Esses territórios e essas árvores são terras públicas brasileiras. Além disso, os cursos de água que alimentam o Xingu são poluídos pelos inseticidas e fertilizantes utilizados nas imensas plantações de soja cultivadas nas cercanias do parque; o desmatamento modifica o ecossistema da região; por fim, a construção de barragens hidrelétricas nas nascentes dos rios modifica o escoamento e o fluxo das águas. A megabarragem de Belo Monte, que está sendo construída no Médio Xingu, é uma ameaça enorme para a floresta, para o rio e para as populações indígenas. Se o projeto for de fato concluído, será sem dúvida um dos maiores crimes ambientais de nossa época.

Sem a Funai, certas tribos talvez tivessem desaparecido. Por exemplo a tribo zo'é, que visitei em 2009 e contava então com 278 membros. Trata-se de uma minoria pertencente ao grupo linguístico tupi-guarani que vive na costa atlântica. Mas os zo'és estão instalados longe do mar: precisaram se embrenhar na floresta há muito tempo, e nunca mais voltaram. No século XVI, os jesuítas mencionaram em seus relatos a presença desse grupo não tão longe do Amazonas. Depois eles foram perdidos de vista, até serem

recentemente encontrados, sem sombra de dúvida, pois usam entre o lábio inferior e o queixo um pedaço de madeira muito característico. Em 1982, missionários de origem norte-americana chegaram a suas terras com a intenção de guiar suas “almas perdidas” até Deus. A Funai interveio e, com a polícia federal, foi atrás dos missionários e de tudo o que haviam levado consigo. Com exceção desse contato, os zo’és viveram isolados, recebendo apenas algumas visitas de brancos, como a minha, dentro de um contexto regulamentado.

A Funai autoriza as visitas quando os índios estão de acordo. No entanto, ela impõe regras de higiene muito estritas: esses povos não conhecem doenças infecciosas, que poderiam ser transmitidas por nossa presença. Assim, antes de ir até eles, os visitantes são submetidos a uma bateria de exames e recomendações. Como a de não dar bombons às crianças. Seus dentes são impecáveis e, se começarmos a introduzir nossos açúcares, elas terão cáries. A Funai também gerencia as tratativas com as tribos, eles decidem juntos o que devemos dar em troca da autorização de trabalhar com elas. A maioria prefere presentes em vez de dinheiro. Algumas nos pediram motores de barco. Outras quiseram miçangas, pedrinhas coloridas que eles utilizam para confeccionar seus adereços. Mas os índios nos avisaram que não queriam as chinesas, que não são tão bonitas. Queriam as melhores: as tchecas!

Passei quase dois meses com os zo’és, ao lado de uma linguista, Ana Suely Arruda, da Universidade de Brasília, que me ajudou na comunicação com eles. Com o passar do tempo, fiz um amigo, Ypo. Eu o adorava. Caminhávamos juntos por horas, ele era imbatível para localizar cobras, nunca as perdia com suas flechas. Ele ficou fascinado por meu canivete suíço. Mas João, o responsável da Funai,

havia recomendado que eu não lhes desse nada. Expliquei a Ypo que se lhe desse meu canivete, João nunca mais me deixaria voltar para vê-lo. Ele respondeu: "Está bem, mas quando estiver no avião e passar por cima da floresta, atire o canivete. Sei onde o avião passa, eu o encontrarei". Achei aquilo fantástico: encontrar algo nessa floresta parece impossível, mas ele se sentia capaz de fazê-lo. Tenho quase certeza de que se tivesse atirado meu canivete, ele o teria encontrado. No entanto, não o fiz. Ninguém tem o direito de decidir o que é bom para eles, mas decidi respeitar as regras da Funai. Meu projeto não consistia em julgar. Tampouco em fazer uma análise antropológica.

Em 2012, muito depois de minha passagem, os zo'és desapareceram. Abandonaram suas aldeias, exceto os velhos que não podiam mais caminhar. Percorreram trezentos quilômetros de floresta para ir a uma cidade e visitar o mundo do qual tinham ouvido falar através dos religiosos e dos poucos brancos que, como eu, às vezes se aproximavam. Ouvi dizer que, no fim, voltaram para casa. Dessa vez, ninguém decidiu por eles: simplesmente preferiram retomar seu modo de vida.

Esse povo me encantou por sua doçura. Não conhece a violência, nenhum tipo de briga. Mais surpreendente ainda, ignora a mentira. Não sei quem a inventou, qual civilização, mas os zo'és não mentem. Quando há um mal-entendido, os dois oponentes sobem num tronco de árvore. Cada um fica de um lado, e a comunidade se coloca atrás deles. Cada um expõe os motivos da diferença. Quando um deles apresenta um argumento, alguém da assistência imediatamente o corrige ou modera; o outro responde e assim por diante. É quase um exorcismo. Seja como for, o mal-entendido acaba em entendimento e dá origem a uma festa de reconciliação. Nessa tribo,

não existe “não”, tampouco repressão. Fui compreender isso na prática, em um dia em que estava fotografando um grupo de mulheres e crianças, e um garotinho não parava de gritar. Em certo momento, exasperado, pedi a Ana Suely que dissesse à mãe que acalmasse o pequeno. Ela falou com a mãe e, constrangida, me explicou: “Sebastião, eles não conhecem reprimendas, eles não sabem dizer não”.

Todas essas pessoas que vivem nuas, como na aurora da humanidade, tinham perfeita consciência do que é uma máquina fotográfica. Elas posavam diante da objetiva e estavam orgulhosas de se sentir, por meio de meu trabalho, contempladas e consideradas. Elas conheciam suas próprias imagens, pois viam seus reflexos na água. Além disso, quando os missionários foram expulsos da tribo, as mulheres zo’és convenceram a Funai a deixar um objeto que aqueles ocidentais tinham apresentado a elas: o espelho. De resto, nada têm a invejar de nosso mundo. Dispõem de uma verdadeira farmacopeia: conhecem antibióticos, anti-inflamatórios. Nós industrializamos os processos e aperfeiçoamos produtos de síntese, mas eles dominam todos os princípios básicos. As leis da balística não têm segredos para eles. Eles fixam as penas de diversas maneiras nas flechas, dependendo se querem enviá-las para longe ou sobre um alvo específico. Nós matematizamos essas práticas, mas elas provêm do mesmo conhecimento. Eles são polígamos, tanto homens quanto mulheres. Graças a um sistema de linhagem muito preciso, porém, evitam a consanguinidade. Em suma, são detentores de uma ciência e elaboraram um sistema social. Não invocam nenhum deus, não se referem a nenhum princípio transcendente e não praticam nenhuma religião, mas executam rituais e são ricos em sabedoria. Têm um senso agudo de

solidariedade. São amorosos, amam seus filhos: são em tudo próximos de nós, mas vivem com simplicidade, como vivíamos há 10 mil anos. O que nos diferencia é a relação com a natureza.

Como todos os povos que conheci ao longo de "Gênesis", eles têm um conhecimento perfeito de seu ambiente. Depois da urbanização, deixamos de conhecer o nome das árvores, não prestamos mais atenção na época do acasalamento dos animais, nos tornamos ignorantes dos ciclos da natureza. Na Europa, o êxodo rural foi efetuado ao longo de séculos, ao passo que, no Brasil, uma população que era 90% rural tornou-se em cinquenta anos 90% urbana, uma mudança brutal que separou os homens da natureza. Mas esse fenômeno pode ser observado em todo o planeta.

21. Minha revolução digital

No meio do Projeto “Gênesis”, passei do analógico para o digital. Uma revolução. Ainda mais porque, para esse projeto, eu já havia enfrentado dois grandes desafios: fotografar o que até então nunca havia fotografado — paisagens e animais —, e mudar o formato do filme. Passei para o médio formato, 4,5 x 6, para obter uma melhor qualidade de imagem em tiragens de grande formato. De 2004 a 2008, utilizei câmeras Pentax 645,^a mas antes trabalhava no formato 24 x 36 da Leica. O médio formato não implica apenas uma modificação do tamanho e do peso da câmera, ele muda toda a profundidade de campo. Nada funciona do mesmo modo que em 24 x 36. É preciso usar muito mais diafragma. O tamanho e as proporções dos negativos não são os mesmos. O 4,5 x 6 é muito mais quadrado. Várias vezes obtive linhas do horizonte oblíquas, e isso nunca havia acontecido com o 24 x 36 das Leica.

Com minhas câmeras 24 x 36, eu utilizava um filme Tri-X 400. Em médio formato, trabalhava com Tri-X 320, outra versão da mesma película.^b Trata-se de um filme concebido para estúdio e fotos de casamento. Sob certa luz, era bastante adequado, mas em outras, como os verdes densos das florestas, era muito difícil. Assim, estava com um filme de superfície três vezes maior e de qualidade inferior; com a alta dos preços de matérias-primas, a composição dos filmes também havia mudado. À medida que a cotação da prata subia, a quantidade de sais de prata nas emulsões era reduzida. A gama de

cinza tornou-se então muito mais pobre. Com Imaginoir e Philippe Bachelier, os dois laboratórios com que eu trabalhava, precisamos desenvolver um sistema específico de revelação. Imaginoir modificou a fórmula química tradicional do revelador D76 da Kodak. E com Philippe descobrimos um revelador nos confins da Alemanha.^c Enfim, era muito delicado, complicado.

O Onze de Setembro subverteu a vida dos fotógrafos. Viajar com filmes tornou-se um inferno depois da instalação de inúmeras portas de segurança nos aeroportos. Quando um filme passa três ou quatro vezes por raios X, as gamas de cinza sofrem alteração. À medida que eu avançava em minhas reportagens, os aeroportos reforçavam seus sistemas de controle. Uma semana antes de nossa partida, Jacques e eu começávamos a ficar tensos. Eu me preparava para viajar ao outro lado do mundo sob condições difíceis para trazer algumas imagens e, ao mesmo tempo, sabia que não haveria salvação para meus filmes. Eu sempre viajava com uma maleta de seiscentos filmes, ou seja, 28 quilos de bagagem de mão, que levava comigo toda vez. Em cada uma delas, precisava enfrentar os fiscais dos aeroportos. A *Paris Match* e Kodak tinham me fornecido cartas que explicavam o problema e solicitavam uma fiscalização manual. Mas quantos voos não perdi porque os fiscais não quiseram me ouvir. Acabava tendo que chegar à superintendência do aeroporto. No fim, tornou-se um drama tão grande que estive prestes a abandonar a fotografia que tanto amo. Nesse meio-tempo, o digital havia feito progressos fenomenais. Então comecei a considerá-lo.

Philippe Bachelier, meu amigo fotógrafo e grande pesquisador da imagem digital, garantiu-me que era possível obter uma grande qualidade com as novíssimas câmeras reflex. Em junho de 2008, começamos a fazer testes comparativos. A Canon me emprestou sua

câmera mais sofisticada, a 1 Ds Mark III. Constatei que, em vista dos excelentes resultados, podíamos ir em frente. O problema era a conservação dos arquivos em discos rígidos. Ao longo de quase dois anos, lutamos como loucos, com Philippe e os impressores da agência, Valérie Hue e Olivier Jamin, e depois o laboratório Dupon. Finalmente conseguimos obter negativos preto e branco de formato 4 x 5 a partir dos arquivos digitais.^d Esses negativos são de excelente qualidade. Assim, continuamos a fazer cópias analógicas a partir de uma imagem digital. Conseguimos evitar, portanto, os problemas de conservação, que, até o momento, continua sendo uma questão crucial.

Eu não sei editar, isto é, fazer minha seleção de imagens numa tela de computador. Não consigo. Nunca trabalhei numa tela. A passagem para o digital não modificou minha maneira de trabalhar. A única diferença é que, em vez de carregar uma maleta de 28 quilos, transporto agora setecentos gramas em cartões de memória que não temem os raios X. Quando viajo, não levo nem computador nem disco rígido. Fotografo olhando apenas no visor, como fiz a vida inteira. Ao voltar para a Amazonas Images, imprimimos folhas de contato na impressora jato de tinta e eu as analiso com uma lupa, como sempre fiz. A seguir, Adrien Bouillon faz cópias de leitura em 13 x 18 cm. Faço uma primeira seleção com Françoise Piffard e, sob a coordenação de Marcia Mariano, responsável pelo contato com os laboratórios, Valérie e Olivier fazem cópias em formato 24 x 30 cm. Não fiz nada além de mudar de suporte ao passar do filme para o digital. Minha linguagem continua a mesma. A grande diferença é a qualidade da impressão, mil vezes melhor.

Antes, era muito difícil fazer cópias perfeitas, pois trabalho apenas com luz natural. Na ampliação, tínhamos alguns segundos para

retoques, mas nunca obtínhamos uma cópia impecável. Hoje é possível. Os impressores podem trabalhar cada canto da imagem. Outra vantagem é que posso trabalhar com pouquíssima luz e aumentar a sensibilidade. Se trabalhasse com o digital há vinte anos, teria hoje o dobro de fotos. No mínimo 95% das que tirei em interiores foram perdidas, pois fotografei pessoas em movimento, em ação. Capturar cenas em um quarto de segundo ou em meio segundo raras vezes me permitiu obter fotos nítidas. Com os equipamentos de hoje, eu teria conseguido.

Além disso, poluímos menos. Antes, usávamos fixador todos os dias. Quantos milhares de litros não foram despejados! Com os computadores e a impressão a jato de tinta, a poluição é menor.

a Os negativos do formato 4,5 x 6 medem 41,5 x 56 mm. O formato 24 x 36 tira seu nome do tamanho de seus negativos, que é de 24 x 36 mm.

b O filme Kodak Tri-X existe em duas versões, de ISO 320 e 400. O Tri-X 400 é fabricado para o 24 x 36 e para o médio formato 120, cujo comprimento permite apenas dezesseis poses com a Pentax 645. O médio formato 220 permitia 32 exposições. Em 220, a versão ISO 320 era a única disponível. Foi fabricada pela Kodak até 2010.

c Revelador Calbe A 49.

d Negativos de formato 4 x 5 polegadas (aproximadamente 10 x 12 centímetros).

22. Seguindo os passos da rainha de Sabá

Minha reportagem sobre as montanhas da Etiópia, da cidade de Lalibela ao Parque Nacional do Simien, foi uma das primeiras feitas em digital. Talvez tenha sido também a mais bela e interessante viagem de toda a minha vida. Surgiu como um desafio: quase ninguém se aventurava por aquelas regiões quase desconhecidas. Fui avisado de que eram perigosas. Eu aguentaria fisicamente? E se quebrasse uma perna, fosse mordido por uma cobra, como seria socorrido?

No outono de 2008, percorri ao menos 850 quilômetros a pé em montanhas que não podem ser atravessadas de outra maneira. Caminhei por 55 dias, não por estradas, mas por trilhas sem intervenção humana, mas que, de tanto serem percorridas, há milênios, formavam um caminho. Não existe levantamento topográfico preciso da região. Subi três vezes acima de 4200 metros. No nível mais baixo, estávamos a mil, 1500 metros. Ao mesmo tempo que escalava picos de rara beleza, remontava o curso da história.

Eu havia sido aconselhado a desconfiar dos autóctones. Dois guardas armados com Kalashnikovs escoltavam a mim e minha pequena caravana de tropeiros e burros que transportavam nossos mantimentos. Com exceção dos garotos apavorados ao verem pela

primeira vez um branco, e ainda por cima careca, fomos maravilhosamente bem recebidos em todos os lugares, tanto que rapidamente dispensei nossos guardas. A cada dois dias, graças a meu telefone por satélite, eu contatava a Géo-Découverte, uma organização suíça especializada na concepção de itinerários para cientistas. Juntos, planejamos minuciosamente meu périplo. Eu informava minha posição GPS, e eles me diziam se eu continuava na direção correta.

Malcom, meu guia etíope, era um homem fenomenal, e como rimos juntos! Era engenheiro agrícola, conhecido de meus amigos suíços da Géo-Découverte. Ele nunca tinha percorrido aquele caminho. Era o chefe da expedição. Um maratonista etíope também nos acompanhava; era quem levava o material fotográfico, pois os burros o sacudiriam demais. Eu carregava o corpo das câmeras. Para recarregar as baterias, transportávamos painéis solares, muito leves e dobráveis, e pequenas baterias secundárias para armazenar energia. Quando chegávamos às aldeias, eu recarregava a bateria das câmeras, do telefone, do barbeador — raspo a cabeça todos os dias desde 1994, pois certa vez fui infestado por parasitas quando usava cabelos compridos e barba.

Fazíamos uma média de vinte a trinta quilômetros por dia, muitas vezes sobre cascalho, a baixas temperaturas em grandes altitudes e sob muito calor próximo aos 1500 metros. Vimos neve, pois atravessamos terras muito áridas. Às vezes passávamos quatro, quase cinco dias sem nos lavar. E quando encontrávamos um riacho, todos se atiravam na água. Combinávamos cinco, seis horas de descanso, lavávamos as roupas e, depois de secas, voltávamos a andar. Era difícil, mas, ao mesmo tempo, era uma boa vida. Em certos trechos, sabíamos que eu era o primeiro ocidental a passar

por ali, as populações locais não se lembravam de algum dia terem visto um. Fiz um mergulho incrível num mundo judaico-cristão que se assemelha de modo impressionante à Igreja descrita no Novo Testamento.

Os etíopes são semitas e se apresentam como descendentes da rainha de Sabá e do rei Salomão. Eles se orgulham de ser o único povo da África a não ter sido colonizado. Muitos judeus etíopes, os *falashas*, partiram para Israel nos anos 1980. Mais de 60% da população é cristã (e 30%, muçulmana). A cristianização remontaria ao século IV, com a conversão do rei Ezana. A tradição cristã monofisista* perdura no país, à margem das outras comunidades ortodoxas orientais.

Por duas ou três vezes, quando chegamos em certas aldeias, exaustos, as mulheres vieram a nosso encontro. Elas tiraram nossos sapatos e, com um pouco de água, lavaram nossos pés. Depois os beijaram, acariciaram. Éramos como o Cristo na cena dos Evangelhos!** Foi comovente. Sempre recebíamos presentes, comida e outros dons. Nada nos faltou ao longo de toda a viagem. Nossos dezoito burros estavam carregados com massas, cereais, latas de atum, queijo processado e outros mantimentos que se conservam por meses, pois pensamos que não encontraríamos nada no local. Mas em toda parte fomos recebidos como convidados de honra. Conheci uma população generosa e comovente.

Assisti a ritos celebrados em igrejas trogloditas que nos devolviam ao seio da terra e ao início dos tempos. As missas são como longas melopeias recitadas em ge'ez, a língua litúrgica de origem semítica que reagrupa todos os abissínios que falam cerca de duzentos dialetos diferentes. Era magnífico, mas eu já esperava encontrar algo do gênero. Em contrapartida, a viagem me revelou uma verdade

fabulosa da qual nunca suspeitei: todas as terras férteis que alimentaram os egípcios, sobre as quais lemos, relemos e cuja história estudamos, provêm das montanhas etíopes. A civilização de faraós que está na origem da nossa e de nossas religiões frutificou graças à terra vinda dos picos abissínios. Parece improvável, mas ali descobri o segredo da fertilidade do Nilo.

Seu lodo nasce naquelas montanhas, pois a erosão de seus picos, que caem nos vales circundantes, forma cânions tão grandes quanto os do planalto do Colorado, nos Estados Unidos. Carregado pelas chuvas, ele se une aos riachos que deságuam no rio Tekezé, o maior afluente do Nilo Azul que, quando de sua confluência com o Nilo Branco, no Sudão, torna-se o Nilo propriamente dito. Diante daqueles grandes cânions, tive vontade de dizer obrigado. Obrigado por tudo o que aqueles povos trouxeram à humanidade, por sua contribuição a uma história que tanto me fez sonhar durante a infância. Fiquei bastante comovido de poder sentir o papel que aquela terra e aquelas pedras desempenharam no destino do planeta. Compreendi a que ponto os minerais têm um lugar importante em nosso mundo. Tocando aquela terra, pensei: ela também está em mim. Nós dois somos parte do mesmo planeta. Vivemos a mesma história.

Por fim, cheguei à conclusão de que não há muita diferença entre mim e aquela terra, não mais do que entre mim e a iguana de Galápagos. O Projeto "Gênesis" me ensinou que tudo está interligado e que tudo está vivo. "Gênesis" é minha declaração de amor à natureza. E por isso não me fez esquecer dos seres humanos, pois estes também são elementos dessa natureza maravilhosa.

* Os monofisistas afirmam que Cristo tem uma única natureza, divina. Eles se opõem à doutrina das duas naturezas, divina e humana.

** Na passagem do Evangelho chamada de Unção em Betânia (12, 1-3), João descreve Maria de Betânia lavando os pés de Jesus.

23. Um mundo em preto e branco

Não foi porque me voltei para a natureza, em “Gênesis”, que renunciei ao preto e branco. Não preciso do verde para mostrar as árvores, nem do azul para mostrar o mar ou o céu. A cor pouco me interessa na fotografia. Utilizei-a no passado, essencialmente por encomenda de revistas, mas a meu ver ela representava uma série de inconvenientes. Em primeiro lugar, antes da existência do digital, os parâmetros da fotografia em cores eram muito rígidos. Com o filme em preto e branco era possível fazer superexposições e depois recuperar as fotografias em laboratório, até chegarmos exatamente ao que sentíamos no momento do clique. Na fotografia em cores isso era impossível.

No sistema analógico, eu trabalhava com diapositivos para as fotografias coloridas. Eles eram colocados sobre uma mesa luminosa para serem escolhidos. Mantínhamos apenas os bons. O problema é que, com isso, quebrávamos as sequências e isso me incomodava muito. Em preto e branco, por outro lado, quando trabalhávamos com filme, este era integralmente reproduzido sobre papel, a chamada folha de contato. As sequências ficavam completas, inclusive com as fotos ruins. A história conservava sua continuidade.

Quando editava fotografias analógicas em preto e branco, eu revivia os acontecimentos tão intensamente quanto no momento do

clique. Lembro de ter voltado a me sentir doente, esgotado, ao editar os contatos de uma de minhas reportagens para a série “Outras Américas”, durante a qual eu havia contraído hepatite — na época, eu mesmo revelava e copiava minhas fotos. O conceito de continuidade, essencial para mim, é reforçado pelo digital, pois a câmera registra a hora exata de cada fotografia, com segundos de precisão. O que me permite restituir a sequência exata. A folha de contato é uma parte extremamente importante de minha fotografia; a propósito, guardei absolutamente todas as minhas folhas de contato, todas as sequências, todas as tiragens em preto e branco realizadas há mais de quarenta anos.

Na época do analógico, quando trabalhava em cores com filme Kodachrome, eu achava os vermelhos e os azuis tão bonitos que eles se tornavam mais importantes que todas as emoções contidas na foto. Com o preto e branco e todas as gamas de cinza, porém, posso me concentrar na densidade das pessoas, suas atitudes, seus olhares, sem que estes sejam parasitados pela cor. Sei muito bem que a realidade não é assim. Mas quando contemplamos uma imagem em preto e branco, ela penetra em nós, nós a digerimos e, inconscientemente, a colorimos. O preto e branco, essa abstração, é, portanto, assimilado por aquele que o contempla, que se apropria dele. Considero seu poder realmente fenomenal. Por isso, sem hesitação, foi em preto e branco que decidi homenagear a natureza. Fotografá-la assim foi a melhor maneira de mostrar sua personalidade, de destacar sua dignidade. Da mesma forma que para se aproximar dos homens e dos animais, para fotografar a natureza é preciso senti-la, amá-la, respeitá-la. Para mim, tudo isso passa pelo preto e branco. É meu gosto, minha escolha, mas também uma necessidade e às vezes uma dificuldade. Como quando

fui para os universos brancos da Antártica e, sobretudo, da Sibéria. Nesses lugares, por menos que o sol apareça, escondido entre as nuvens, sempre falta relevo às imagens. As cópias precisam ser trabalhadas para adquirir profundidade. Mas, no fim, o resultado é de fato belo.

24. Com os nenetses

Em 2011, “Gênesis” me levou para perto do círculo polar, junto ao povo nenetse, a maior etnia da Sibéria, nômades criadores de renas. O frio era insuportável, entre -30°C e -40°C . As condições para a reportagem eram magníficas, mas difíceis, principalmente para mim, que nasci num país quente. Jacques resistiu bem melhor ao frio.

Devíamos assistir à travessia do Ob, um dos rios mais extensos do mundo, que corre ao longo de 5400 quilômetros. Fomos atravessá-lo após termos percorrido uma distância muito longa em meio a um frio extremo. Mas aquele foi o dia mais insuportável, até mesmo para as renas. Eu sabia que não podia perder aquele momento, era o ponto alto de nossa jornada. Por outro lado, estávamos numa planície lisa como uma mesa. O céu estava todo branco, não havia muito sol; não parecia fácil.

Eu havia previsto vistas aéreas. Entrara em contato, previamente, com um helicóptero do governo, um enorme Mi-8 com capacidade para cinco toneladas de carga. Por razões de distância e autonomia de combustível, eu dispunha de apenas 45 minutos para fotografar e acertar minhas fotos. Os preparativos foram minuciosos. Eu estava tenso. Jacques, mais tenso ainda, passara mal a noite toda. Precisávamos ter certeza de que o piloto aceitaria abrir a porta, de que todos os equipamentos funcionariam para que eu pudesse fotografar em pé, no vão da porta, bem amarrado. Também precisávamos ter certeza de que as baterias trabalhariam, que os

instrumentos resistiriam ao frio intensificado pelo vento. Eu me perguntava se meu olho aguentaria, pois estava então com uma paralisia facial havia dois meses. Mas a partir do momento em que o helicóptero chegou e que subi a bordo, tudo correu a meu favor. Em situações como aquela, mesmo o que não é perfeito faz parte da história. Antecipar tudo torna isso possível, bem como ter o máximo sob controle. É possível sentir um prazer intenso, mesmo em momentos difíceis. Sentimo-nos parte de um movimento maior, que nos ultrapassa, mas que se inscreve naquilo que havíamos pacientemente elaborado.

Os nenetses vivem num clima terrivelmente rigoroso, com o mínimo necessário. Eu, mal-acostumado, tinha medo de que me faltasse de tudo ao visitá-los. Chegando lá, descobri que havia levado, para uma única viagem, muito mais coisas do que eles possuíam. Ao fim do dia, depois de percorrer quilômetros em tremó, um nenetse constrói seu *tchum*, uma tenda feita de pele de renas. Tudo o que ele possui cabe ali dentro. No dia seguinte, ele a desmonta rapidamente e todos os seus bens voltam para os trenós. Precisam ser leves para não cansar as renas. Esses homens do frio vivem com pouco; mesmo assim, sua vida é tão intensa, tão plena e tão forte em emoções quanto a nossa. Talvez até mais, pois tanto multiplicamos os bens materiais para tentar nos proteger que acabamos nos esquecendo de viver. Não olhamos mais para a natureza e para os outros, nos separamos de nossa comunidade. Isso me preocupa muito. Fico apreensivo de ver que quase todas as tecnologias, no fim das contas, acabam nos isolando. À medida que as coisas materiais evoluem, podemos cada vez mais fazer coisas sozinhos em nosso canto. A história da humanidade, porém, é a história de nossa comunidade. Nós, pelo contrário, nos dispersamos,

nos individualizamos. Ninguém poderá me convencer de que o individualismo, tanto quanto o cinismo, é um valor.

Não se trata de voltar para trás. Ninguém deseja abandonar o conforto moderno — seria um contrassenso de nossa evolução. Isso nunca aconteceu na história. Mas não devemos perder nossas referências, nosso instinto, nossa espiritualidade. Foi nosso senso de comunidade e nossa espiritualidade que nos fizeram sobreviver até agora. E foi isso que tentei colocar em minhas fotos. Nunca trabalhei de maneira individualista, arrancando imagens. Fotografei pessoas a vida inteira e nunca sofri um único processo. Já fotografei pessoas em situações difíceis, no limite de tudo. Mas nunca me senti um voyeur, nunca experimentei ser um. Por outro lado, com “Gênesis” fui me dar conta de que sou muito, muito velho.

Senti-me eu mesmo e senti-me em meu grupo, mas transportado a 5 ou 10 mil anos atrás. O que corroborou muito de minhas convicções. Nenhum dos homens e mulheres que encontrei, fossem eles nenetses, abissínios, zo’és, himbas ou papuas da Nova Guiné, é muito diferente de mim. Temos exatamente a mesma relação com o amor, a felicidade e o prazer, ou seja, com tudo o que é essencial na vida.

Passando algumas semanas com populações que vivem como vivíamos nos primórdios da humanidade, também tive a prova de que os grandes princípios sobre os quais nosso mundo repousa existiam muito antes do aparecimento de nossa sociedade. Para responder às necessidades das massas humanas que a compõem, a sociedade industrial sistematizou os conhecimentos e as práticas adquiridas pelos homens desde o surgimento da humanidade. Mencionei a farmacopeia, as leis da balística e de práticas como a defumação do peixe. Podemos acrescentar a consciência que todos

esses povos têm da natureza e do esgotamento de suas riquezas, coisa de que os ocidentais por muito tempo se esqueceram. Os povos que alguns chamam de “primitivos” sabem muito bem que depois de explorar um lugar é preciso deixá-lo descansar. Aprendi com a Funai que, ao abandonarem um local, os índios só voltam a ele cem anos depois, quando a terra se regenerou.

Nunca me senti superior a esses homens supostamente “primitivos”. Foi por isso que nunca tive a sensação de ser um estrangeiro indo visitá-los. Pelo contrário, descobri meus iguais e, para falar a verdade, eles me ensinaram mais do que eu a eles. Tivemos trocas culturais e fiz até amizades, como com Afukaka, o chefe dos cuicuros, no Xingu. Vivi mais de um mês em sua casa e, ao ir embora, pensei comigo mesmo que ele talvez fosse o ser mais humano que conheci em toda a minha vida. A melhor pessoa. Foi incrível partilhar de sua existência.

Esses povos, repito, têm um conhecimento enorme da natureza. Os índios são capazes de pressentir uma onça, de ver a chegada de uma cobra, enquanto eu não sinto nada, não vejo nada. Eles são capazes de subir em árvores de qualquer tamanho, de caminhar em qualquer lugar com os pés descalços, enquanto eu sofro com minhas ultrassofisticadas botas de caminhada. No Himalaia, na manhã seguinte a um dia que passamos descendo um grande desnível, acordei com uma unha do pé completamente azul, não pude caminhar por dois dias. Para prosseguir, precisei cortar a sola do meu sapato, enfim, tive que desenvolver todo um sistema para poder continuar seguindo meus guias locais.

Todos os homens são iguais, mas nossos modos de vida divergiram tanto que nossos corpos não são mais os mesmos. As populações que vivem com a natureza têm pés triangulares. Elas

têm muito mais agilidade e seus dedos do pé se agarram ao solo, por isso não escorregam: eles servem para todos os terrenos. Os nossos, dentro de sapatos há centenas de anos, se tornam finos e longos, e não se agarram a mais nada. Da mesma forma, com as mudanças na alimentação, os corpos mudam. Os ocidentais se tornam gordos demais. Até mesmo na França, quando cheguei pela primeira vez, as pessoas eram mais magras.

No fundo, posso dizer que o maior presente que dei a mim mesmo nesses oito anos foi ter ido ao encontro de minha própria espécie tal qual ela vivia há milhares de anos. Ela me ensinou muitas coisas que eu havia cometido o erro de esquecer.

25. Minha tribo

Foi realmente uma sorte ter descoberto a fotografia. Por acaso! Um dia, meu pai me disse: “Sebastião, você é um fotógrafo reconhecido, mora em Paris. Mas você já se perguntou o que teria acontecido se eu tivesse vendido a fazenda quando você ainda era menino, na época da grande inflação, quando tantos outros se deixaram levar? Você seria hoje um motorista de trator numa fazenda vizinha ou então viveria numa favela da cidade grande”. Ele tinha razão. Tive muita sorte de poder viver o que vivi, de poder visitar mais de 120 países. É o que chamo de grande coerência, ou então de grande sorte. Tudo poderia ter se combinado de outra forma. Eu poderia ter ido para a União Soviética fazer minha especialização, e talvez nunca tivesse me tornado fotógrafo. Ou então poderia ser funcionário do Banco Mundial. Também poderia ter ficado no Brasil, entrado para a clandestinidade e quem sabe ter sido assassinado. Também poderia ter me separado de Lélia. E, sem ela, minha vida não teria sido a mesma.

Lélia me deu estabilidade. Ela me ajudou muitíssimo, vivemos em comunhão. Em todas as reportagens que fiz, meu maior prazer era pegar sempre o último táxi que me levaria ao último aeroporto, de onde eu voltaria para perto de minha mulher e de meus filhos. Ela foi tantas vezes me buscar de manhã cedo em Orly ou Roissy! Quando o avião não chegava cedo demais, levava Juliano e Rodrigo. Eu me emocionava ao ver os três... Ou ela se organizava para

alguém ficar com eles e, quando eu desembarcava, estava à minha espera. Lélia é a grande companheira de minha vida, minha grande sócia. Em tudo. Nas ideias, nos projetos, na família, no trabalho, nas ações ambientais.

Quando nos conhecemos, ela tinha dezessete anos e eu não completara vinte; desde então, passamos por tudo juntos. Outro dia, caminhando na rua, fui me dar conta de que quando decidimos, com nosso grupo de militantes, que nós dois devíamos partir, ainda éramos garotos. Sentimos muita falta de nosso país e de nossas famílias. Lélia havia acabado de perder os pais, mas deixara no Brasil sete irmãos e irmãs. Durante onze anos, também não vi minhas sete irmãs e, quando finalmente voltamos ao Brasil, meus pais, que tínhamos deixado vigorosos, haviam envelhecido. Os problemas do país nos uniram, mas nem sempre tivemos uma vida fácil. Tivemos brigas homéricas. Entramos com um processo de divórcio, e quantas vezes não pensamos em nos separar. Mas compartilhamos tantas experiências fortes, grandes alegrias e grandes medos. Tomamos decisões importantes juntos. Não sei onde eu começo, onde ela termina. Minha vida é nós dois, nossos dois filhos, Juliano e Rodrigo, e nosso neto Flavio. Sabemos o que significa viver sem passaporte em outro país, às vezes ter dinheiro e às vezes não ter. Sabemos o que significa ter de lutar por nossos filhos.

Lembro-me de que, para a matrícula de Juliano no colégio, o fato de ter um nome brasileiro, ou melhor, português, o destinava ao ensino técnico, a despeito de suas preferências. Precisamos lutar para que não o rotulassem. Mas conseguimos fazer tudo isso juntos. Adoro minha mulher. E a acho tão bela. Lélia é uma pessoa que tem muita energia, um enorme prazer de viver e uma força incrível por

sua tribo. Às vezes olho para ela e penso: nossa, está começando a envelhecer! Parece impossível, pois minha visão de Lélia é sempre a de uma jovem. Um laço profundo nos une. Nossa família poderia ter se estilhaçado mil vezes, mas continua firme e vai muito bem.

Juliano me acompanhou em várias reportagens, na Ásia, na África, quando era bem jovem. Especialmente em Ruanda, sob as difíceis condições que relatei. Compartilhamos grandes momentos. Descobertas, reencontros e gargalhadas formidáveis. Ele me seguiu em meu trabalho, que é uma parte tão importante de mim. Ele conhece todos os meus gostos em imagens e viagens. Com certeza não foi por acaso que se tornou cineasta. Ele codirigiu, ao lado do grande cineasta alemão Wim Wenders, um documentário a respeito de meu trabalho. Juliano mora em Paris, tem sua própria vida, mas nos vemos com frequência. Ele e seu filho Flavio, um belíssimo adolescente, são muito próximos de nós e de Rodrigo.

O fato de ter um filho trissômico, como relatei, nos colocou em contato com outro mundo. Outro dia, visitamos a instituição onde Rodrigo passa o dia. Como sempre, foi incrível estar no meio de todas aquelas pessoas com limitações e ver nosso filho cercado de amigos. De tanto encontrá-los, todos também se tornaram nossos filhos. Adquirimos uma visão de mundo completamente diferente daquela que tínhamos quando eu era “normal” e tínhamos apenas um filho “normal” e vivíamos num mundo de pessoas supostamente “normais”. No dia em que nosso filho trissômico nasceu, entramos em outro nível de percepção — da vida, da sociedade, da realidade. Até mesmo minha maneira de caminhar na rua mudou. Antes, eu não via as pessoas com deficiência. Aprendi a vê-las.

Há mais de trinta anos, nossa vida, minha, de Lélia e Juliano, também acontece no mundo da deficiência. Vivemos a solidariedade

e também a falta de solidariedade. Quando Rodrigo nasceu, amigos que eram muito próximos se afastaram. Alguns não conseguiam vê-lo. Isso me fez sofrer muito. É compreensível, sabemos que é difícil para uma mulher grávida frequentar uma família com um filho deficiente. De todo modo, é preciso compreender. Senão, nos tornamos amargos. Também nos demos conta de que muitos não sabem o que dizer, não sabem como se comportar com uma criança diferente, que agarra, abraça. Que baba. Felizmente, esse não foi o caso de todos os nossos amigos. Alguns, pelo contrário, se aproximaram.

Nunca colocamos nosso filho num internato. Ele frequenta uma instituição durante o dia e volta para casa à tardinha. Nós o levamos a todos os lugares, ele está sempre conosco. Ele está presente em todas as vernissages de minhas exposições. Alguns se espantam, mas é natural. Ele é nosso filho e, portanto, nós mesmos. E nós construímos nossa vida também em função dele. Quando era pequeno, tentávamos compará-lo aos outros meninos, medindo seus progressos, sua evolução — e ficávamos desesperados. Não estávamos preparados para aquilo. Certo dia, nós o levamos a Colônia para consultar um especialista que fazia uma cirurgia reparadora para atenuar os efeitos da trissomia no rosto. Antes de chegar, fizemos uma parada num posto, de onde podíamos ver a cidade. Ali, conversando, Lélia e eu percebemos que estávamos prestes a fazer nosso filho passar por uma cirurgia pesada por uma questão de aparência. Ele iria sofrer, mas aquilo não teria a menor chance de curar a trissomia. A operação não fazia sentido para ele, somente para nós. Então demos meia-volta e voltamos para Paris. É preciso viver tudo isso para compreender. Por muito tempo, pensamos e discutimos sobre o problema de Rodrigo, até o dia em

que encontramos a solução: não existe solução. Ele é nosso filho, ele é parte de nós e ele é assim. Devemos amar nosso filho, e amá-lo do jeito que ele é.

Sinceramente, por mais difícil que seja sua deficiência, Rodrigo nos trouxe muita felicidade. Como já mencionei, ele nos possibilitou ver o mundo de outra forma, conhecer pessoas diferentes. Ele me trouxe a doçura. Nosso filho confirmou o que nos haviam dito: quando damos, recebemos em dobro. Quem não dá nada não recebe nada.

Lembro de uma vez em que eu estava no sul do Líbano, num campo de refugiados. Era um ambiente muito tenso. Fui conversar com as autoridades palestinas responsáveis pelo campo. Eu estava com o UNHCR, expliquei meu trabalho, mas a cada vez que tirava a câmera, uma Kalashnikov era apontada para mim. Até o dia em que um sujeito passou, fotografei-o e ele veio me dar um beijo. Era um trissômico. Então pensei: a solução para nossa agressividade talvez seja operar uma modificação genética no famoso par cromossômico 21. Pois não existe agressividade dentro deles. Às vezes ficam furiosos, mas são fúrias contra si próprios, nunca contra os outros. Em todo caso, nunca vi fúrias desse segundo tipo, em nosso filho ou em qualquer trissômico que conheço.

Todos os anos, organizamos duas festas pelo aniversário de Rodrigo: uma no Brasil, no verão, outra em Paris, no outono. Reunimos amigos deficientes de Rodrigo, suas famílias, e também nossos outros amigos. É uma ocasião em que colocamos dois universos em contato. E de fazer os ditos "normais" descobrirem uma realidade na deficiência que muitas vezes lhes era desconhecida. Eles descobrem um mundo diferente, mas no qual reina muita alegria. E todos percebem que o encontro com esse

mundo é muito mais simples do que se pensa. Damos muitas gargalhadas com Rodrigo. Ele desenha muito bem, é o que adora fazer, por horas a fio. Tem um inegável senso artístico, um domínio da cor. Uma de suas amigas toca piano maravilhosamente bem. Seus talentos independem da deficiência. Ter um filho como ele nos enriquece muito, mas também nos isola, pois ele está sempre conosco. Pouquíssimas vezes somos convidados com a presença dele, e não saímos muito para não deixá-lo sozinho. Alguns dizem: Lélia e Sebastião não saem quase nunca, não vão a vernissages. Mas vivemos com Rodrigo. Ter um filho deficiente é isso. Foi bastante difícil no começo, mas assim que começamos a envelhecer compreendemos que ele havia se tornado nossa vida. É preciso tirar o melhor dela.

Conclusão

Terminei as reportagens de “Gênesis” às vésperas dos setenta anos. Elas me esgotaram fisicamente. Enfrentei climas rigorosos, dos mais frios aos mais quentes, dos mais úmidos aos mais secos, e, acima de tudo, percorri a pé distâncias colossais. Na cidade, temos o costume de caminhar em superfícies planas, mas na floresta, com os índios, avançamos por terrenos instáveis, saltamos por cima das árvores. Algumas são grandes demais, precisamos sentar em cima delas, girar o corpo de um lado para o outro para conseguir passar. Caímos o tempo todo. Os índios nunca caem. No primeiro dia de marcha na floresta, ficamos exaustos, pois utilizamos músculos que não trabalhavam desde a infância. Alguns deles eu nem sabia que tinha. Resumindo, eu diria que o mental recebe a graça e o físico, um castigo. Ao fim de oito anos, fiquei muito cansado, mas interiormente regenerado. Em “Êxodos” eu havia enfrentado o que nossa espécie tinha de mais grave e violento, e deixei de acreditar que ela tivesse salvação. Com Gênesis mudei de opinião.

Em primeiro lugar, conheci o planeta. Eu já havia rodado pelo mundo inteiro, mas dessa vez tive a sensação de penetrá-lo. Vi o mundo do ponto mais alto ao mais baixo, andei por toda parte. Descobri o mineral, o vegetal e o animal — e depois pude conhecer a nós mesmos, os homens, tal como éramos nos primórdios da humanidade. Senti-me muito reconfortado, pois o homem das origens é muito forte e muito rico em algo que fomos perdendo com

o tempo, tornando-nos urbanos: nosso instinto. Esse instinto permite sentir e prever muitas coisas, uma mudança de temperatura ou fenômenos climáticos por meio da observação do comportamento dos animais. Na verdade, estamos abandonando nosso planeta, pois a cidade é outro planeta.

Vi o que éramos antes de nos lançarmos à violência das cidades, onde nosso direito ao espaço, ao ar, ao céu e à natureza se perdeu entre quatro paredes. Erguemos barreiras entre a natureza e nós. Com isso, nos tornamos incapazes de ver, de sentir... De ver um pássaro pelo vidro da janela e imaginar que esse pássaro é o amor de outro, com o qual faz amor; que ele ama seus filhotes, que constrói seu ninho naquela árvore, que depende do vento. Não sabemos mais que é dotado de toda uma constituição na pele, que tem penas capazes de protegê-lo dos raios do sol, da chuva e da neve... Não enxergamos mais, desaprendemos tudo isso. Frequentando povos que vivem como vivíamos, redescobri essas maravilhas. Saí dessa experiência muito enriquecido. Se em meu livro *Trabalhadores* fiquei orgulhoso por poder mostrar que somos um animal incrivelmente engenhoso na capacidade de produção, também vi que, em nossa maneira de viver, fizemos de tudo para destruir aquilo que garante a sobrevivência de nossa espécie.

Não acredito num grande criador que tenha ordenado a natureza e todo os seres vivos. Acredito muito mais na evolução, sou um discípulo de Darwin. Acredito que existam certas leis. Que as coisas se formam graças à dialética, ao acúmulo de experiência, à maturação. Mas nem todos os processos de maturação seguem num curso positivo. Ainda não temos uma explicação para o instante primordial, mas o que vem a seguir pode ser cientificamente explicado. "Gênesis" me deu a oportunidade de observar a idade do

planeta. No Saara, vi pedras talhadas há 16 mil anos; na Venezuela, montanhas de 6 bilhões de anos. A vida adquire outra dimensão. Percebemos que ela não passa de uma brevíssima passagem.

“Gênesis” me fez ter consciência de que de tanto nos afastarmos da natureza, com a urbanização, nos tornamos animais muito complicados; de tanto nos tornarmos estrangeiros no planeta, nos tornamos seres estranhos. Mas não se trata de um problema insolúvel. A solução passa pela informação — e ficarei feliz se puder ter contribuído com ela. Gostaria que compreendessem que a saída para o perigo corrido pelos homens e por todas as espécies do planeta não é voltar para trás, mas voltar-se para a natureza. É o que Lélia e eu tentamos fazer no Brasil, reflorestando nossa terra. Somente as árvores são capazes de assimilar todo o CO₂ que produzimos. A árvore é a única máquina capaz de transformar o CO₂ em oxigênio. A floresta assimila e transforma nossa poluição em madeira. É extraordinário. Quando plantamos uma floresta, é nos vinte primeiros anos, com as árvores ainda em crescimento, que há a maior absorção de CO₂.

Com Lélia e nossos companheiros do Instituto Terra, plantamos 2 milhões de mudas. Calculamos que, até o momento, capturamos 97 mil toneladas de carbono. Mas, dentro de suas possibilidades, cada um pode fazer alguma coisa. Basta sentir-se envolvido. Lélia e eu não somos ricos. Refugiamo-nos na França, trabalhamos muito. A sorte às vezes sorriu para nós, e agora estamos orgulhosos de poder replantar essa floresta, graças ao fruto de nosso trabalho e a todos os que nos ajudaram. Mas acima de tudo graças à nossa energia, vinda de uma certeza: voltar-se para o planeta é a única maneira de viver melhor. O mundo moderno urbanizado, cheio de regras e leis, nos esgota. Somente na natureza encontramos um pouco de

liberdade. Foi isso que tentamos mostrar em “Gênesis”, com nossos livros e uma série de exposições em todo o mundo.

É engraçado pensar na maneira como chegamos ao meio ambiente. Às vezes me pergunto: que capricho do destino nos levou a ele? A resposta é simples: nossa época. Do mesmo modo que, anos antes, nossa época nos direcionou para as mutações industriais e, depois, para as migrações. Para nós, Lélia e eu, o essencial será sempre levar uma vida que participe de nossa época. Ser ativos. Quando nos perguntamos como chegamos até aqui, constatamos, olhando para trás, que foi simplesmente nossa vida que nos trouxe aonde estamos.

Minha fotografia não é uma militância, não é uma profissão. É minha vida. Adoro a fotografia, fotografar, estar com a câmera na mão, olhar pelo visor, brincar com a luz. Adoro conviver com as pessoas, observar as comunidades — e agora também os animais, as árvores, as pedras. Minha fotografia é tudo isso, e não posso dizer que são decisões racionais que me levam a olhar para isto ou aquilo. É algo que vem de dentro de mim. O desejo de fotografar está constantemente me levando a recomeçar. A buscar outros lugares. A procurar outras imagens. A tirar novas fotografias, ainda e sempre.

Distinções honoríficas de Sebastião Salgado

1982

Prêmio Eugene Smith para Fotografia Humanitária, Estados Unidos.

Recompensa pelo trabalho de pesquisa sobre os camponeses na América Latina e ajuda para completá-lo, Ministério da Cultura, França.

1984

Prix de la Ville de Paris e Kodak pelo livro *Outras Américas*, França.

1985

Prêmio World Press, Holanda.

Prêmio Oskar Barnack, Alemanha.

1986

Prêmio Íbero-americano de Fotografia, Espanha.

“Photographer of the Year”, International Center of Photography, Estados Unidos.

Prêmio do Livro por *Sahel: O homem em pânico*, Rencontres Internationales d'Arles, França.

Prêmio ASMP (American Society of Magazine Photographers), Estados Unidos.

Grande Prêmio e Prêmio do Público do "Mois de la photo" pela exposição "Outras Américas", Paris Audio Visuel, França.

1987

"Photographer of the Year", American Society of Magazine Photographers, Estados Unidos.

"Photographer of the Year", Maine Photography Workshop, Estados Unidos.

Prêmio Olivier Rebbot, Overseas Press Club, Estados Unidos.

Journalistenpreis Entwicklungspolitik, Sociedade Alemã de Fotografia, Alemanha.

Prêmio Villa Médicis Hors les Murs, Ministério das Relações Exteriores, França.

1988

Prêmio Erich Salomon, Alemanha.

Prêmio Rey de España, Espanha.

"Photographer of the Year", International Center of Photography, Estados Unidos.

Prêmio do Art Directors Club, Estados Unidos.

1989

Prêmio Erna e Victor Hasselblad, pelo conjunto da obra, Suécia.

Medalha de Mérito "Josef Sudek", Thecoslováquia.

1990

Prêmio "The Maine Photographic Workshop" pelo livro *Um incerto estado de graça*, Estados Unidos.

Visa d'Or, Festival International de Photoreportage, Perpignan, França.

1991

Prêmio "Common Wealth", comunicação de massa, Estados Unidos.

Grand Prix de la Ville de Paris, França.

Gold Prize do Art Directors Club, Estados Unidos.

1992

Eleito membro honorário da American Academy of Arts and Sciences, Estados Unidos.

Prêmio Oskar Barnack, Alemanha.

Prêmio The Art Directors Club, Alemanha.

1993

Prêmio do Livro por *Trabalhadores*, Rencontres Internationales d'Arles, França.

Troféu "Match d'Or" pelo conjunto da obra, França.

"The World Hunger Year's Harry Chapin Media Award" de fotojornalismo pelo livro *Trabalhadores*, Estados Unidos.

1994

Prêmio de Publicação pelo livro *Trabalhadores*, International Center of Photography, Estados Unidos.

Prêmio "Centenary Medal" e "Honorary Fellowship" da Royal Photography Society of Great Britain, Reino Unido.

“Professional Photographer of the Year”, Photoimaging Manufacturers and Distributors Association (PMDA), Estados Unidos.

Grand Prix National, Ministério da Cultura e da Francofonia, França.

Award of Excellence e Silver Award, Society of Newspaper Design, Estados Unidos.

1995

Medalha de Prata, Art Directors Club, Estados Unidos.

Medalha de Prata, Art Directors Club, Alemanha.

1996

Prêmio “Overseas Press Club of America”, Citation for Excellence, Estados Unidos.

Auszeichnung, Art Directors Club, Alemanha.

1997

Prêmio Nacional de Fotografia, Ministério da Cultura, Funarte, Brasil.

Prêmio “A Luta Pela Terra, Personalidade da reforma agrária”, Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, Brasil.

1998

Medalha de Prata, Art Directors Club, Alemanha.

Prêmio Alfred Eisenstaedt “Life Legend”, *Life Magazine*, Estados Unidos.

Prêmio Jabuti, categoria Reportagem, pelo livro *Terra*, Brasil.

Prêmio “Príncipe de Asturias de las Artes”, Espanha.

1999

Prêmio Alfred Eisenstaedt for Magazine Photography/ The Way We Live, Estados Unidos.

Prêmio Unesco, categoria Cultura, Brasil.

2000

Medalha da "Presidenza della Repubblica Italiana", Centro de Pesquisa Pio Manzù, Itália.

2001

Doutor Honoris Causa, Universidade de Évora, Évora, Portugal.

Honorary Doctor of Fine Arts, New School University, Nova York, Estados Unidos.

Honorary Doctor of Fine Arts, The Art Institute of Boston, Lesley University, Boston, Estados Unidos.

Prêmio Muriqui 2000, Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, Brasil.

Embaixador da Boa Vontade pela Unicef.

Prêmio "Ayuda en Acción", ONG Ayuda en Acción, Madri, Espanha.

2002

Honorary Doctor of Letters, Universidade de Nottingham, Reino Unido.

The Art Directors Club 81st Annual Awards 2002 Merit Award, por *O fim da pólio*, Estados Unidos.

2003

Prêmio Internacional da Photographic Society of Japan, Japão.

2004

Comendador da Ordem de Rio Branco, Brasil.

2005

Gold Medal Award for Photography, National Arts Club, Nova York, Estados Unidos.

2007

Prêmio "Michael Horbach Stiftung", Alemanha.

2008

Prêmio "Faz Diferença" do jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, Brasil.

2010

Prêmio "Excellence in the Reporting of Social Issues", The American Sociological Association, Estados Unidos.

Prêmio "NANPA Lifetime Achievement", The North American Nature Photography Association, Estados Unidos.

Prêmio Internacional "Save the Children", Madri, Espanha.

"Gold Medal of Honour", prêmio Al-Thani de Fotografia, Doha, Qatar.

SAHEL



Estes nômades precisam atravessar o deserto para chegar às cercanias das cidades onde esperam encontrar comida e abrigo. Região do lago Faguibine, Mali, 1985. © Sebastião Salgado

OUTRAS AMÉRICAS



Primeira comunhão em Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, 1981. © Sebastião Salgado

OUTRAS AMÉRICAS



Oração de agradecimento ao Deus Mixe Kioga pela boa colheita e por mais um ano de vida. Oaxaca, México, 1980. © Sebastião Salgado

TRABALHADORES



Colheita de chá na plantação de uma aldeia. Ruanda, 1991. © Sebastião Salgado

TRABALHADORES



Mina de ouro de Serra Pelada, Pará, Brasil, 1986. © Sebastião Salgado

ÊXODOS



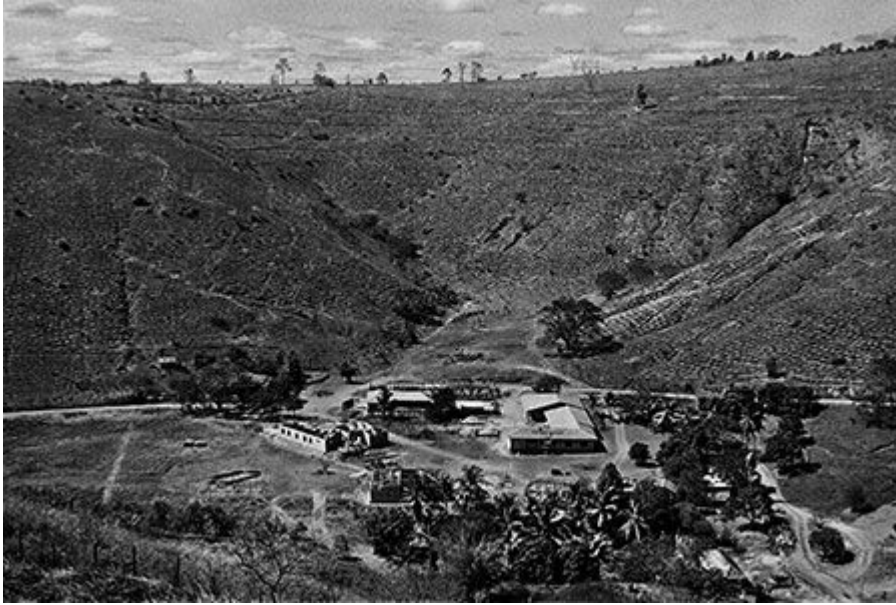
Campo de refugiados ruandeses em Benako. Tanzânia, 1994. © Sebastião Salgado

ÊXODOS



Com a emigração dos homens para as cidades, as mulheres carregam os produtos para o mercado de Chimbote. Região de Chimborazo, Equador, 1998. © Sebastião Salgado

INSTITUTO TERRA



Instituto Terra em 2001. Fazenda Bulcão, Aimorés, Minas Gerais, Brasil. ©
Sebastião Salgado

INSTITUTO TERRA



Instituto Terra em 2013. Fazenda Bulcão, Aimorés, Minas Gerais, Brasil. ©
Sebastião Salgado

GÊNESIS



Entre os nenetses, os trenós maiores são conduzidos pelas mulheres. Os homens utilizam os trenós mais leves e mais rápidos, o que lhes permite reunir os animais pela manhã em volta do acampamento. Península de Yamal, Sibéria, Rússia, 2011. © Sebastião Salgado

GÊNESIS



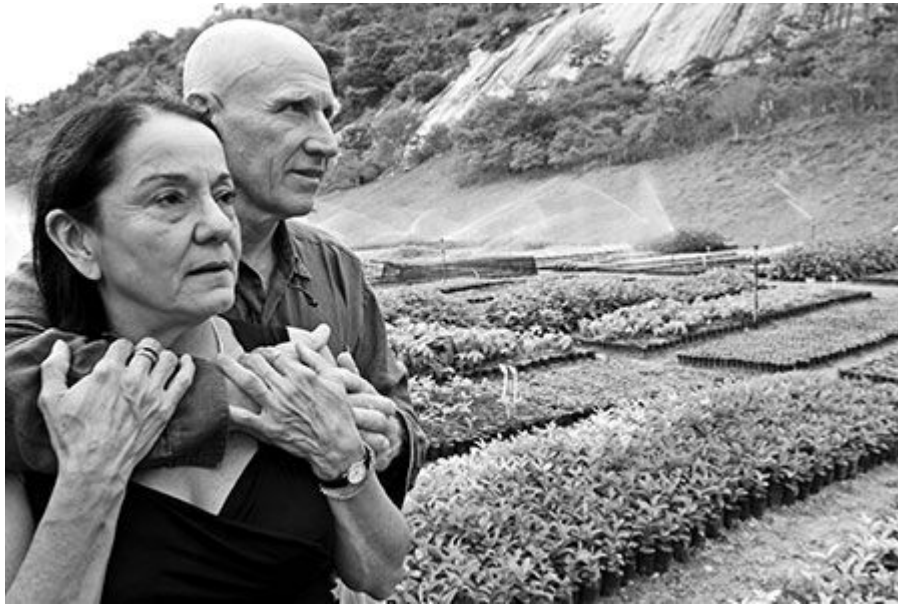
Vista do vale que se estende de Lalibela a Makina Lideta Maryan. Etiópia, 2008.

© Sebastião Salgado

GÊNESIS



As mulheres zo'és da aldeia Towari Ypy têm o costume de colorir seus corpos com o fruto vermelho do urucum (*Bixa orellana*), também utilizado para cozinhar.
Pará, Brasil, 2009. © Sebastião Salgado



Lélia e Sebastião Salgado no Instituto Terra. Fazenda Bulcão, Aimorés,
Minas Gerais, Brasil, 2006. © Ricardo Beliel

SEBASTIÃO SALGADO nasceu em 1944, em Aimorés, Minas Gerais. É formado em economia e começou sua carreira como fotógrafo na França, onde mora desde 1969. Trabalhou para as agências Sygma e Gamma, e desde 1979 faz parte da Magnum. Já recebeu os prêmios mais importantes concedidos ao fotojornalismo, entre eles o de Melhor Repórter Fotográfico do Ano, oferecido pelo International Center of Photography de Nova York, e o Grand Prix da Cidade de Paris. Dele, a Companhia das Letras publicou *Terra* (1997), *Trabalhadores* (1997), *Outras Américas* (1999), *Êxodos* (2000), entre outros.

Copyright © 2013 by Presse de la Renaissance, un département d'Édition
Publicado mediante acordo com a Pontas Literary & Film Agency

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL De Ma Terre à la Terre

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTO DE CAPA Sean Gallup/ Getty Images

PREPARAÇÃO Lília Gama

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-8086-953-8

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br